
REVISTA

ACADÊMICA

V

ORGANIZADORES

Ana Lucila Aires Martins
José Solon Sales e Silva
Ma. de Lourdes Mozart Martins Moura

© 2014 Copyright by ACADEMIA IPUENSE
DE LETRAS, CIÊNCIAS E ARTES
Impresso no Brasil / Printed in Brazil

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

Expressão Gráfica e Editora
Rua João Cordeiro, 1285 - Aldeota - Fortaleza - Ceará
CEP: 60110-300 - Tel: (085) 3464-2222
E-mail: arte@expressaografica.com.br

Coordenação Editorial

Ana Lucila Aires Martins
José Solon Sales e Silva
Ma. de Lourdes Mozart Martins Moura

Diagramação Eletrônica

Léo de Oliveira Alves

Capa

Ma. de Lourdes Mozart Martins Moura
Léo de Oliveira Alves

*Dados Internacionais
de Catalogação na Publicação*

Revista Acadêmica da Academia Ipuense de Letras, Ciências e Artes, edição V, ano
2014, Fortaleza: Academia Ipuense de Letras, Ciências e Artes, 2014.
124 p.
ISBN: 978-85-420-0470-0
1. Literatura brasileira 2. Poesia
I. Academia Ipuense de Letras, Ciências e Artes II Título
CDD: 869.3

REVISTA ACADÊMICA

V

Ano 2014

ACADEMIA IPUENSE DE LETRAS, CIÊNCIAS E ARTES

Sede: Casa Osvaldo Araújo
Rua Cel. Pedro Aragão, 1271
(Antiga Rua Da Goela)
CEP: 62250-000 - Ipu - Ceará



ACADÊMICOS E PATRONOS

Cadeira nº 1. MANUEL EVANDER UCHÔA LOPES

Patrono: *Francisco Ediberto Uchôa Lopes*

Cadeira nº 2. SEBASTIÃO VALDEMIR MOURÃO

Patrono: *José Milton de Vasconcelos Dias*

Cadeira nº 3. FRANCISCO MARTINS DE SOUZA TORRES

Patrono: *Monsenhor Gonçalo de Oliveira Lima*

Antecessor: *Monsenhor Francisco Ferreira de Moraes*

Cadeira nº 4. FRANCISCO LUCIANO DE PAIVA

Patrono: *Delmiro Augusto da Cruz Gouveia*

Cadeira nº 5. FRANCISCO LUCIANO MARROCOS ARAGÃO

Patrono: *Archimedes Memória*

Cadeira nº 6. MA. DO CARMO CAVALCANTE ARAGÃO MAGALHÃES

Patrono: *Antônio Carvalho Martins*

Cadeira nº 7. THOMAZ DE ARAÚJO CORRÊA

Patrono: *Thomaz de Aquino Corrêa*

Cadeira nº 8. OLÍVIO MARTINS DE SOUZA TORRES

Patrona: *Maria da Conceição Assis*

Cadeira nº 9. FRANCISCA FERREIRA DO NASCIMENTO

Patrono: *Moacir Alves Timbó*

Antecessor: *Tobias Marques Sampaio*

Cadeira nº 10. VAGA

Patrona: *Ana Magalhães Martins Melo*

Antecessores: *Antonio Carlos de Martins Melo e*

Raimundo Rodrigues Torres (Frei Aquino)

Cadeira nº 11. CLÁUDIO CÉSAR MAGALHÃES MARTINS

Patrono: *Francisco Magalhães Martins*

Cadeira nº 12. ABÍLIO LOURENÇO MARTINS

Patrono: *Abílio Martins*

Cadeira nº 13. MARIA DAS GRAÇAS AIRES MARTINS

Patrono: *Gerardo Aires de Sousa*

Cadeira nº 14. NATÁLIA MARIA VIANA SOARES LOPES

Patrona: *Maria de Lourdes Magalhães Ximenes*

Cadeira nº 15. FRANCISCO DE ASSIS MARTINS

Patrono: *João Anastácio Martins*

Cadeira nº 16. MARIA DA CONCEIÇÃO VIANA

Patrona: *Ernestina da Natividade Magalhães*

Cadeira nº 17. ANA LUCILA AIRES MARTINS

Patrona: *Maria Valderez Soares de Paiva*

Cadeira nº 18. JOÃO PEREIRA MOURÃO

Patrono: *José Itamar Mourão*

Cadeira nº 19. FRANCISCA AYLA OLIVEIRA COSTA

Patrono: *Gonçalo Pereira de Farias*

Cadeira nº 20. MARIA DE LOURDES DIAS LEITE BARBOSA

Patrono: *Aderson Magalhães*

Cadeira nº 21. VAGA

Patrono: *Abdoral Timbó*

Antecessor: *Antonio Vagner Martins de Paiva*

Cadeira nº 22. JOÃO MARTINS DE SOUZA TORRES

Patrono: *João Amadeu Furtado*

Cadeira nº 23. JOSÉ JÚLIO MARTINS TORRES

Patrono: *Francisco das Chagas Torres*

Cadeira nº 24. MARIA VANDA TORQUATO SCORSARAVA

Patrona: *Maria Valdemira Coelho Melo*

Cadeira nº 25. MARIA JOSÉ TAUMATURGO FARIAS ARAGÃO

Patrono: *Félix Corrêa Aragão*

Cadeira nº 26. MARIA DE JESUS LIMA

Patrono: *José Osvaldo Araújo*

Cadeira nº 27. HENRIQUE AUGUSTO PEREIRA PONTES

Patrono: *José Cecílio do Vale*

Cadeira nº 28. RICARDO MARTINS ARAGÃO

Patrono: *Francisco Araújo*

Antecessor: *Antonio Tarcízio Aragão*

Cadeira nº 29. MARIA GRAZIELLA VALE EVANGELISTA

Patrono: *José Amauri Aragão Araújo*

Cadeira nº 30. ALDÂNIA MARIA LIMA SOARES MATOS

Patrono: *Thomaz Corrêa Aragão*

Cadeira nº 31. ROGEAN RODRIGUES NUNES

Patrono: *Antônio Marrocos de Araújo*

Cadeira nº 32. MARCOS EVANGELISTA DE PAIVA

Patrono: *Milton de Sousa Carvalho*

Cadeira nº 33. MARIA EUNICE MARTINS MELO ARAGÃO

Patrono: *Antônio Magalhães Martins*

Cadeira nº 34. JOSÉ SOLON SALES E SILVA

Patrono: *Cônego Francisco José Aragão e Silva*

Cadeira nº 35. MARIA DE LOURDES MOZART MARTINS MOURA

Patrono: *Antônio Augusto Rodrigues de Marrocos*

Cadeira nº 36. PAULO RONALD PERES MELO

Patrono: *Francisco das Chagas Paz*

Antecessor: *Antonio Iramar Miranda Barros*

Cadeira nº 37. MARIA LUÍSA MOURÃO

Patrono: *José Euzébio Néri de Sousa*

Cadeira nº 38. FRANCISCO VLADIMIR XIMENES MOURÃO

Patrono: *Oséas Martins*

Cadeira nº 39. KLAUDIANA VIANA TORRES

Patrono: *Manoel Bessa Guimarães*

Cadeira nº 40. JOSÉ AIRTON PEREIRA SOARES

Patrona: *Joana de Paula Vieira Mimosa*

ACADÊMICOS HONORÁRIOS

Dr. José Evangelista de Oliveira
Padre Raimundo Nonato de Paiva Timbó

ACADÊMICOS CORRESPONDENTES

41. Foi ocupada por Raimundo Rodrigues Torres (Frei Aquino)

42. FRANCISCO IVANIR DE ARAÚJO CORRÊA
Natal/RN

43. MA. DE LOURDES ARAGÃO CATUNDA (DALINHA)
Rio de Janeiro /RJ

44. INÁCIO AUGUSTO ALMEIDA
Granja /CE

45. GONÇALO FERREIRA DA SILVA
Rio de Janeiro/RJ

46. SOCORRO LIMA DANTAS
Recife/PE

47 . ADRIANO AUGUSTO DA COSTA FILHO
São Paulo/SP

48 . ILDA MARIA COSTA BRASIL
Porto Alegre/RS

49. MARIA EFIGÊNIA NASTASE COUTINHO
Camburiú-SC

50. VALDIR CARLOS DA SILVA FILHO
Brasília/DF

51. FRANCISCO DE ASSIS RODRIGUES CORDEIRO
Recife /PE

52. PEDRO FORTUNA OLIVEIRA LIMA

Rio de Janeiro /RJ

53 . ANTONIO EDMILSON DE SOUSA LOPES

Cratêús /CE

54. JOSÉ LUÍS ARAÚJO LIRA

Guaraciaba do Norte /CE

55. TOBIAS MARQUES SAMPAIO

Rio de Janeiro/RJ

56. FRANCISCO ALBERY NOGUEIRA NUNES

Tianguá /CE

57. ANTONIO CARVALHO MARTINS FILHO

Joinville/SC

58. WILSON DE OLIVEIRA JASA

São Paulo/SP

59. DIVINO MARIANO

São Paulo/SP

60. FRANCISCA ANA PONTES

São Paulo/SP

61. JOSÉ LUIZ ZANZINI

São Paulo/SP

**DIRETORIA DA AILCA PARA O BIÊNIO
2014/2015
ELEITA E EMPOSSADA NO DIA 17.01.2014**

Presidente:

CLÁUDIO CÉSAR MAGALHÃES MARTINS

1º Vice-Presidente:

MANUEL EVANDER UCHÔA LOPES

2º Vice-Presidente:

FRANCISCO DE ASSIS MARTINS

Secretária Geral:

FRANCISCA FERREIRA DO NASCIMENTO

Secretário Geral Adjunto:

OLÍVIO MARTINS DE SOUZA TORRES

Diretor de Finanças:

FRANCISCO MARTINS DE SOUZA TORRES

Diretora de Finanças Adjunta:

MA. DO CARMO CAVALCANTE ARAGÃO MAGALHÃES

Diretora de Patrimônio:

NATÁLIA MARIA VIANA SOARES LOPES

Diretora de Publicações e Marketing:

MARIA DE LOURDES MOZART MARTINS MOURA

Diretora Sociocultural:

MARIA DAS GRAÇAS AIRES MARTINS

CONSELHO FISCAL:

ANA LUCILA AIRES MARTINS

FRANCISCA AYLA OLIVEIRA COSTA

FRANCISCO PAULO ROCHA DE OLIVEIRA

PALAVRA DO PRESIDENTE

É com grande satisfação que apresentamos a Revista Acadêmica V, fruto do trabalho persistente e profícuo dos membros da Academia Ipuense de Letras, Ciências e Artes.

Nela o leitor encontrará artigos, crônicas e poesias versando sobre variados temas, inspirados, em grande parte, em lembranças vívidas do Ipu. Outros se reportam a personalidades diversas, algumas das quais já passaram à eternidade. Entre estas desponta a figura de Fr. Aquino, membro atuante da AILCA, que nos deixou no ano passado.

A personalidade marcante do ministro Joaquim Barbosa, do STF, que se destacou no julgamento dos réus do mensalão, é lembrada, bem como o seu legado de perseverança, honestidade e firmeza, exemplo para as gerações futuras.

Em suma: a diversidade de temas, muitos dos quais nos remetem a recordações sempre bem-vindas da terra ipuense, certamente será do agrado de todos os que se dedicarem à leitura da Revista Acadêmica V.

Fortaleza, 24 de setembro de 2014.

Cláudio César Magalhães Martins

APRESENTAÇÃO

Além de divulgar e incentivar escritores, tanto do Ipu como de outras terras, alguns já conhecidos, outros escondidos na gaveta da timidez, reunindo assim toda uma produção de interessante pluralidade, abrindo um leque de possibilidades e alargando horizontes. Tem esta antologia também o objetivo de manter acesa a chama da escrita, mostrando o quanto é forte o lado cultural da terra de Abílio Martins, Archimedes Memória, Aderson Magalhães, Mons. Gonçalo de Oliveira Lima, José Cecílio do Vale, José Osvaldo Araújo, Maria da Conceição Assis, Maria Valderez Soares, Maria Valdemira Coelho Melo, Milton Dias, José Euzébio Néri de Sousa e Leonardo Mota, os dois últimos ipuenses de coração e tantos outros de grande importância para a cultura, as artes e a ciência da nossa terra, tanto no passado como no dias atuais. Não esquecendo homens de outras plagas que escolheram o Ipu para fazer moradia e que muito contribuíram para a saúde e a espiritualidade da terra de Iracema, como José Evangelista de Oliveira, Antonio Solon de Farias e Silva, Francisco Rocha Aguiar, Monsenhor Francisco Ferreira de Moraes, Cônego Francisco José Aragão e Silva.

A Academia Ipuense de Letras Ciências e Artes agradece a todos os colaboradores e espera continuar publicando anualmente outras coletâneas.

ORGANIZADORES:

Ana Lucila Aires Martins

José Solon Sales e Silva

Ma. de Lourdes Mozart Martins Moura

“Um país se faz com homens e livros.” Monteiro Lobato

SUMÁRIO

Sebastião Valdemir Mourão	- 21	- A Dama da Festa
Maria do Carmo C. Aragão Magalhães	- 25	- Os Bares do Ipu
Olívio Martins de Souza Torres	- 27	- O Selo da Bica do Ipu
Francisca Ferreira do Nascimento	- 32	- A Minha Lagoa
Cláudio César Magalhães Martins	- 34	- O Legado de Joaquim Barbosa
Abílio Lourenço Martins	- 38	- A Festa do Reencontro/O Céu Está em Festa
Ma. das Graças Aires Martins	- 42	- Longevidade e Alegria!!!
Natália Ma. Viana Soares Lopes	- 46	- Mãos Versáteis/Minha Mãe
Ana Lucila Aires Martins	- 50	- Misturando Cores
Francisca Ayla Oliveira Costa	- 52	- Nosso Adeus ao Frei Aquino
Ma. de Lourdes Dias Leite Barbosa	- 54	- Emendando o Tempo
João Martins de Souza Torres	- 55	- Repensando Reflexões
Ma. Vanda Torquato Scorsafava	- 59	- Biografia/O Médico/O Olho de Deus
Maria de Jesus Lima	- 62	- Sonho do Meu Coração/Momentos/Mistério da Vida
Ma. Graziella Vale Evangelista	- 66	- Heloísa Marrocos de Aragão
José Solon Sales e Silva	- 68	- Requite ou Melhor, Texto Sentido
Ma. de Lourdes Mozart Martins Moura	- 73	- Ouro Preto/Insegurança
Paulo Ronalth Peres Melo	- 75	- O Amor/Preamar/Vela ao Luar
Maria Luísa Mourão	- 78	- Suprema Entrega/Sou Alegoria
Klaudiana Viana Torres	- 80	- Raikais
José Airton Pereira Soares	- 81	- O Conto/O Susto
Ma. de Lourdes Aragão Catunda (Dalinha Catunda)	- 87	- Rainha da Rapadura
Ilda Maria Costa Brasil	- 89	- Que História eu Trancaria Numa Caixa?
Wilson de Oliveira Jasa	- 90	- Beijo/Com um Beijo
José Luiz Zanzini (Zézinho)	- 92	- Perigo Crescente com o Aumento dos Resíduos Sólidos e Orgânicos
Ana Maria Marques Martins	- 99	- Madrugada/Taco de Pele

- Itanira Soares - 101 - Ipu/Sinais Aceso
- José Maria Bonfim - 103 - Saudoso Retorno/Epifania/Mãos Sagradas/ Amor é Aprisco/A Morte dos Jangadeiros
- Maria Aparecida de Melo - 108 - Há Quem Diga
Lima e Sousa (Cida)
- Maria Iracê de Paiva Dantas Bandeira - 109 - Querida, Amada e Bondosa Mãe
(Tezinha) Meri / Acróstico para Gilberto/
Abençoa-me São Sebastião /
Acróstico para Índia Iracema
- Ma. Silonide de Mesquita - 113 - O Preço do Rejuvenescimento
(Silon Mesquita)
- Maria Telma Melo Lima - 115 - Quem Eu Sou
- Paulo Rogério Aires Martins - 116 - Choro da Serra/Ibiapaba/Lembrança/
Águas do Ipu /Lua Moeda/A Casa da Esquina

"O livro é a grande memória
dos séculos... se os livros desaparecessem,
desapareceria a história e,
seguramente o homem."

Jorge Luís Borges

Escritor, poeta

Buenos Aires, 22/08/1899

Genebra, 14/06/1986

ACADÊMICOS TITULARES

SEBASTIÃO VALDEMIR MOURÃO

Cadeira nr. 2

A DAMA DA FESTA



Um galego andava pelas cidades do interior, oferecendo, de porta em porta, utensílios de cozinha, cama e mesa. Nesse bate perna, fez muitos amigos às custas das bugigangas. Em cada cidade, tinha pelo menos um em quem podia confiar e usufruir da sua companhia nas horas de folga.

Numa dessas folgas, um de seus amigos lhe insultou pra irem a uma festa. Foram.

Chegando lá, se enrabichou por uma moça muito bonita que logo lhe chamou a atenção. Cabelos longos, lisos, pretos; faces alvas, rosadas. Parecia de louça. Alta, vestido longo, preto, salto alto, elegante. Uma dama. Percebeu que ela também lhe olhava, que também chamava a atenção dela. Talvez por ser um rapaz de fora.

Ela aceitou o convite pra dançar com ele, dirigindo-se pro salão em sua companhia, após ele espalmar a mão da esquerda pra direita com um gesto de convite.

Ele sentiu que dançavam com muita desenvoltura, numa leveza tamanha que chamava a atenção de todos no salão. Ninguém mais dançou. Pararam pra apreciar o galego dançando. Sentiu que todos olhavam admirados. Era o centro das atenções. Sentia-se o rei da cocada preta.

Lá pela madrugada, ele, sentindo-se cansado, pediu pra parar e pra deixar ela em casa. Ela consentiu, balançando a cabeça e soltando um sorriso sensual.

- Onde você mora? Perguntou ele.

- Vamos seguindo em frente que eu vou orientando.

Quase em frente ao trilho e da estação ferroviária, uma casa bonita, avarandada em arcos, jardim florido, colorido e, bem na frente, um pé de eucalipto, exalando seu aroma agradável pelo redor da casa.

- É aqui! Disse ela.

- Posso lhe visitar hoje de noite?

- Será um prazer!

Quase não dorme, impressionado com a moça. Passou o resto do dia inquieto, esperando a hora de se encontrar com ela.

Voltou à casa da dama, bateu palmas. Ao sair uma senhora, perguntou:

- Madalena?

- Entre. Respondeu a senhora, perguntando:

- De onde você conhece Madalena?

- Ontem, passamos a noite dançando. Depois, vim deixar ela em casa.

A senhora convidou pra irem até a sala ao lado. Lá, uma galeria de fotografias, estilo pintura a óleo. Uma escrivaninha com a tampa sanfonada, parecendo um piano antigo, fechado. Cadeiras de madeira de lei - pareciam de cedro - e estufados de couro. Estantes escuras, frente de vidro, cheias de livros antigos e raros. Numa olhada rápida, viu logo Flor do Lácio, de Cleófano Lopes de Oliveira.

Ela apontou pros quadros e perguntou:

- Você reconhece quem é ela, olhando pra essas fotos?

- É a última da direita! Respondeu instantaneamente.

A Senhora olhou pra ele, coçou o queixo e mandou bala sem medir as consequências:

- Ela faleceu há dez anos!

Ele sentou-se, sem querer, e sem ser convidado. Suou frio, empalideceu. Quase não aguenta o tranco. Reviu a festa, entendendo que todos olhavam pra ele porque estava, aos olhos dos outros, dançando só.

A Senhora tirou da gaveta do móvel do piano um santinho da missa de sétimo dia e lhe presenteou, completando:

- Minha filha deve ter adorado passar a noite com o senhor. Espere um pouco que vou lhe fazer um chá de capim santo, pra colocar os nervos no lugar.

Depois de muita demora da mãe dela, ele resolveu ir até a gaveta de onde ela tirou o santinho, pra ver se encontrava algum retrato que lembrasse algum momento alegre.

Pra sua surpresa, encontrou, ao lado dos santinhos da moça, outro monte de santinhos de sétimo dia da mãe dela, a mesma que tinha ido buscar o chá e ainda não tinha voltado.



MOURÃO, Sebastião Valdemir. Professor universitário, radialista, jornalista acejiano, nasceu em IpuCe a 24/06/52. Filho de Francisco da Silva Mourão e Maria do Carmo Pereira.

Mestre em Letras / Linguística pela UFSC em 1989. Foi membro da comissão que reestruturou o curso de Mestrado e que implantou o Doutorado em Letras na Universidade Federal de Santa Catarina.

Recebeu os seguintes títulos como professor: MELHOR PROFESSOR (4 vezes); PROFESSOR COMUNICAÇÃO DO ANO (2 vezes) e HONRA AO MÉRITO (1 vez).

Membro do GELNE (Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste); do IP (Instituto de Pesquisas Linguísticas PUC/SP); da Associação Brasileira de Linguística; do GT de Psicolinguística da Região Sul; da Academia Eldoradense de Letras e Casa de Francisca Júlia de São Paulo; da Academia Brasileira de Poesia (Petropolitana de Poesia Raul de Leoni), Rio de Janeiro; Mestre de Obras da Ceia Literária da qual foi fundador e idealizador. Presidente da Academia Cearense de Língua Portuguesa. Atualmente é Conselheiro do Conselho Estadual de Educação do Ceará.

Autor das seguintes obras: 1. Águas brancas (poesias); 2. Ideias (prosa e verso); 3. As proibidas (ideias); 4. E agora, Brasil? (poesias); 5. Poesias pra quem ama; 6. Lembrando exercícios de português; 7. O pão que o táxi amassou (contos); 8. Português do dia a dia; 9. Redação Prática (em cinco edições), passando e Praticando Redação a partir da sexta edição. Em 2014, publicada a oitava edição; 10. Maldição dos Vampiros (conscientização política); 11. Iraceminha (livro infantil).

MARIA DO CARMO CAVALCANTE ARAGÃO MAGALHÃES

(Carmita Aragão)

Cadeira nr. 6

OS BARES DO IPU



O TEIXEIRA

Eu fui a pioneira,
Do Bar do Teixeira,
Quando a mulher,
Casada ou solteira,
Não frequentava bar.
O casal boêmio
Nos fins de semana
Não faltava lá.
Não importava o que falassem
Ou dissessem ou pensassem
O importante pra nós dois
Era saber ser feliz.
A radiola tocando,
Roberto Carlos cantando,
Só nós dançando
Coladinhos, sonhando
Até o amanhecer.
Aquilo era felicidade,
Hoje lembro com saudade
E jamais posso esquecer!

O ALVORADA

Tudo passa nesta vida,
Você também passou...
Teve seus dias de glória,
Ouviu e fez história
De casos que se contou.

Era o bar do Tewilso,
A bodega do Gessy,
Andava do menino moço
Sem beleza, sem conforto
Mas todas iam pra ali.

Botavam conversas fora,
Não tinham pressa nem hora
Pra brincadeira acabar.
Conversa de pescador,
Lorota de caçador
Não se podia duvidar.

A bebedeira era grande,
Bêbado pobre, rico falante,
Só não tinha bêbado brigão.
A cerveja bem gelada,
São João da Barra e cachaça
Tira gosto de limão.

Tinha também a jogatina
De dama, dominó e gamão
Viciados na porrinha
Tewilso com sua calminha,
Mas o copa-preta na mão.

Quem naquela bar frequentou
Pode muito bem comprovar
Tudo o que ali passou,
Só resta hoje a saudade
Do bom que o tempo levou.



SELO DA BICA DO IPU



Senhoras e Senhores,

Pretendo ser breve atendendo a duas recomendações: a primeira, da filosofia escolástica: “*Esto brevis et placebis*”, ou seja, “Sê breve e agradarás”, e a segunda vem do livro da Bíblia, Eclesiástico: “*Sê conciso em teu discurso, dize muito em poucas palavras*”. Isto não é fácil, mas vou tentar.

Quando nos distantes anos de 1967 e 1968 fazia eu Curso de Pós-Graduação na Universidade de Würzburg, no estado da Baviera (Bayern), na Alemanha, interessei-me pelos belos selos alemães das cartas que mandava para parentes e amigos no Brasil e resolvi ser filatelista. Dentro do universo multifacetado de selos, decidi-me por duas temáticas: cachoeiras e locomotivas a vapor.

Locomotivas a vapor porque desde pequeno ia à Estação de Ipu ver o trem e me encantava com a máquina Maria-Fumaça. E, como dizia nossa escritora Raquel de Queiroz, “*menino criado em beira de linha tem o trem no sangue*”. E a Estação de Ipu, única no Ceará onde o trem passa dentro da gare, é um monumento arquitetônico de rara beleza. Ela presenciou, sem dúvida, grandes momentos e episódios marcantes. Eram partidas e chegadas de entes queridos, encontros e desencontros, alegrias e tristezas, boas-vindas e despedidas, sorrisos e lágrimas, beijos e tapas, juras de amor e chilikues de ciúme, inícios e términos de flertes e na-

moros. Enfim, as alegrias e as vicissitudes que povoam os fundos arcanos da misteriosa e insondável alma humana.

Cachoeiras porque, também criança, ficava contemplando a Bica do Ipu, despencando do paredão granítico de 130 metros de altura. Encantado ficava ao ver o fenômeno chamado “Véu de Noiva”, quando as águas que caíam ficavam pairando, por alguns instantes, no ar, pois eram impulsionadas para cima pela força maior do vento que soprava de baixo para cima. Era a luta renhida do vento contra as águas. Um espetáculo deslumbrante que parecia não haver vencedor.

Decidindo-me por estes dois temas – que eram as belezas de minha infância – comecei as minhas coleções lá, na Alemanha, adquirindo selos nos mais de vinte países que visitei nesses dois anos.

Voltando ao Brasil, enriqueci minha coleção de cachoeiras com os selos emitidos até então no Brasil, quais sejam: as Cataratas do Iguaçu e o Salto das Sete Quedas, este desaparecido criminosamente nas águas da represa de Itaipu.

Em 2003, os Correios fizeram a emissão de dois selos da série CACHOEIRAS BRASILEIRAS: o Salto do Itiquira e o Salto do Rio Preto, ambos no estado de Goiás. Salto (Fall, em inglês) é a denominação internacional para cachoeiras, quedas d’água e cascatas.

Foi aí que vislumbrei a possibilidade de pleitear um selo para a Bica do Ipu dentro do programa dos Correios SUA IDEIA PODE VIRAR SELO. A batalha começou, pois, em 2003. E continuou pelos anos seguintes com o mesmo pedido, mas a Comissão Filatélica Nacional não o houvera atendido. Nessa luta solitária pensei até em desistir, mas quando me lembrava da frase do grande estadista sul-africano e Nobel da Paz, Nelson Mandela,

recentemente falecido, recobrava o ânimo. Dizia Mandela: “*Tudo parece impossível até que seja feito*”.

Em 2012, após longa espera, mas sem perder a esperança, resolvi mudar de estratégia. Através da Academia Ipuense de Letras, Ciências e Artes (AILCA) e da Associação dos Filhos e Amigos de Ipu (AFAI) mobilizamos parte do povo de Ipu e de amigos da cidade no sentido de que solicitassem aos Correios a emissão do selo da Bica do Ipu (Fall of Ipu). Foram cerca de 1.300 pedidos àquela instituição.

Além disso, contatamos os senadores cearenses José Pimentel, Inácio Arruda e Eunício Oliveira, e também os deputados federais José Airton, José Guimarães e Gorete Pereira, além do então prefeito de Ipu Sávio Pontes e do governador do estado Cid Gomes, os quais enviaram correspondências ao Ministério das Comunicações ou aos Correios, pleiteando a emissão do selo da Bica do Ipu. E, por último, mas não menos importante, recorri à presidente Dilma Rousseff quando em carta a ela dirigida, através do também ex-seminarista Gilberto Carvalho – Ministro- Chefe da Secretaria Geral da Presidência da República -, evoquei que, em sua juventude estudantil, houvera ela lido, sem dúvida, o poema em prosa Iracema, de José de Alencar, como livro paradidático, e tivera conhecimento da famosa cascata onde houve o encontro da bela guerreira tabajara Iracema com o guerreiro branco Martim.

Contei, na etapa final deste processo, com a valiosa ajuda do atual prefeito de Ipu, Sérgio Rufino, e de seu vice Carlos Eduardo. E também dos amigos Ricardo Martins Aragão, Eliezer Soares Martins e Afonsino Albuquerque Filho que cederam suas fotos da Bica do Ipu para os Correios, todas de excelente qualidade. Os Correios elegeram a foto feita por Ricardo Martins Aragão que figura no selo e no Edital.

O selo da Bica do Ipu integra um selo duplo, consagrando as relações diplomáticas do Ministério das Relações Exteriores que, em 2013, homenageia o Quênia. A beleza natural do Quênia é a Zebra de Grévy, conhecida como zebra imperial, e a do Brasil a nossa Bica do Ipu, aqui à nossa frente.

Quero, neste momento histórico, ao sopé da Serra da Ibiapaba, frisar a importância deste selo para Ipu, para o Ceará, para o Brasil e para o mundo. A partir de hoje, a Bica do Ipu vai figurar nas coleções dos filatelistas do mundo inteiro que adotam a temática de cachoeiras. Ipu vai ficar conhecido nacional e internacionalmente, pois o selo é um viajante que não precisa de passaporte, atravessa fronteiras e adentra os países do globo terrestre, independentemente de religião, cor, raça, língua, e sistema político e econômico vigentes. A Bica do Ipu (Fall of Ipu) vai figurar ao lado de nossas cachoeiras brasileiras e das célebres quedas d'água do mundo como Niagara Falls, na fronteira dos Estados Unidos da América com o Canadá, Victoria Falls, na fronteira de Zâmbia com Zimbábue, e do Salto Angel, na Venezuela, o mais alto do Planeta, com quase 1.000 metros de altura.

Além disso, vai o turismo em Ipu ser incrementado, haja vista a aproximação dos jogos da Copa do Mundo e das Olimpíadas, quando turistas estrangeiros e brasileiros vão procurar pontos e paisagens interessantes para visita, gerando emprego e renda para o município.

Estamos a mostrar que o turismo no Ceará não se restringe apenas às nossas belas praias. O interior do Estado tem muito a oferecer. Desejamos fazer ver ao Brasil e ao mundo que se deve preservar o meio ambiente e proteger a natureza para aqueles que não podem se defender e falar por si mesmos como as aves, os animais, os peixes e as árvores.

O selo da Bica do Ipu é uma homenagem não somente a Ipu, mas a toda a Serra da Ibiapaba, pois o riacho Ipuçaba, que forma a cachoeira, nasce no Sítio São Paulo, na Serra Grande.

Quero, neste momento histórico, parabenizar o prefeito de Ipu, Sérgio Rufino, a secretária de turismo, prof.^a Sônia Pontes, a secretária de educação, prof.^a Terezinha Rufino, e a assessora Netinha pelo excelente trabalho que realizaram, num exíguo espaço de tempo, visando ao abrilhantamento desta festa.

Reitero meus agradecimentos a todos os que contribuíram para que o selo da Bica do Ipu se tornasse realidade, especialmente à Academia Ipuense de Letras, Ciências e Artes (AILCA) e à Associação dos Filhos e Amigos de Ipu (AFAI).

Agradeço ao Diretor Geral dos Correios no Ceará, Sr. Haroldo Aragão, e à sua equipe, que vieram prestigiar o lançamento deste selo na Terra de Iracema.

Minha gratidão a todos os que compareceram a este evento que será um marco indelével na história de Ipu. O dia 12 de dezembro de 2013 é uma data a ser lembrada pela posteridade.

Muito obrigado!



(*) Discurso proferido pelo acadêmico Olívio Martins de Souza Torres por ocasião do lançamento do selo especial dos Correios, em 12/12/2013, em Ipu. O autor é membro da Academia Ipuense de Letras, Ciências e Artes (AILCA), técnico aposentado do Banco do Nordeste do Brasil (BNB). Licenciado em Letras Anglo-Germânicas pela Faculdade Católica de Filosofia (agregada à Universidade Federal do Ceará). Tem curso de pós-graduação na Bayerische Julius-Maximilians - Universität Würzburg (Alemanha). É professor aposentado de Língua e Literatura Portuguesa e Brasileira.

FRANCISCA FERREIRA DO NASCIMENTO

Cadeira nr. 9

A MINHA LAGOA



Houve um tempo em
Que minha lagoa
Era limpinha,
Cheia de peixinhos
Felizes no fundo das águas,
E viviam só para brincar.
Houve um tempo em
Minha lagoa de águas claras
Era cheio de patinhos
Que iam nadar.
Houve um tempo em
Que a tardinha meu pai
Ia para a lagoa de água pura
E clarinha somente para pescar.
Houve um tempo em
Que os viajantes
Cansados, exaustos
Entravam na lagoa de água fresquinha
E iam se refrescar.
A minha lagoa era
De água cristalina
E toda a vizinhança
Ia se banhar.

Houve um tempo,
Onde a enchente
Minha lagoa levou,
Mas a natureza
Com muito amor
Minha lagoa arrumou
E a minha lagoa
De água cristalina voltou.
Minha lagoa deu nome
Ao lugar, e todas
As tardes, moças e rapazes
Iam se banhar.
A minha lagoa
Não durou um século,
Pois o progresso
A destruiu e a minha lagoa sumiu.
Quando a deixei
Ela ainda era bela
Mas quando voltei
Nada mais existia nela.
Os peixes morreram,
A água cristalina secou,
E a minha lagoa acabou.



O LEGADO DE JOAQUIM BARBOSA



Há homens que dignificam os cargos e funções que exercem. Um destes, na minha ótica, foi o Ministro do Supremo Joaquim Barbosa, o primeiro negro a ser nomeado para a suprema corte do país.

Antes de tecer comentários sobre a atuação de Joaquim Barbosa no STF, cumpre traçar um breve perfil desta notável personalidade.

Joaquim Benedito Barbosa Gomes nasceu em Paracatu (MG), em 07 de outubro de 1954.

Foi Oficial de Chancelaria do Ministério de Relações Exteriores (1976-1979), tendo servido na Embaixada do Brasil em Helsinki, Finlândia. Posteriormente, entre os anos de 1979 e 1984, foi advogado do SERPRO. Aprovado para o cargo de Procurador da República, licenciou-se e foi estudar, por 4 anos, na França, onde cursou mestrado e doutorado em Direito Público na Universidade de Paris, entre 1990 e 1993. Entrou, como professor concursado, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, da qual se licenciou em 2006. Foi “*Visiting Scholar*” no *Human Rights Institute* da Faculdade de Direito da Universidade de Columbia, em Nova York (1999-2000) e no *Los Angeles School of Law*, da Universidade da Califórnia. Fez estudos complementares de idiomas estrangeiros no Brasil, na Inglaterra, na Áustria e na Alemanha, sendo fluente em francês, inglês, alemão e espanhol.

Em 2003, foi nomeado por Lula para o cargo de Ministro do Supremo Tribunal Federal, sendo eleito presidente dessa corte em 2012.

Barbosa construiu sua trajetória sem a ajuda de padrinhos influentes e sem pedir favores. Fugindo de atalhos duvidosos e do famoso jeitinho brasileiro, preferiu trilhar o árduo caminho da meritocracia. Para desconforto de Lula e dos chefões petistas, Joaquim Barbosa foi escolhido relator da Ação Penal 470, conhecida pelos brasileiros como o “processo do mensalão.”

Entre os anos de 2012 e 2013, Joaquim Barbosa comandou o julgamento do mensalão, inicialmente como relator do processo e, posteriormente, como presidente do STF. Após mais de 60 sessões plenárias, o Supremo concluiu que o PT, durante o primeiro mandato de Lula, subornou parlamentares com o objetivo de se perpetuar no poder. Figurões do partido, como José Dirceu, José Genoíno e Delúbio Soares, foram condenados à prisão, contrariando a praxe secular existente no Brasil segundo a qual pessoas ricas, poderosas e influentes não vão para a cadeia. Barbosa foi, então, aclamado como herói nacional, o cavaleiro vingador da capa preta, aplaudido nas ruas e cortejado pelos partidos políticos que desejavam, a todo custo, tê-lo em seus quadros.

Entretanto, neste mundo, o que é bom dura pouco. Com a nomeação de dois novos ministros do STF - Luís Roberto Barroso e Teori Zawaski - aquela corte começou a mostrar certo abrandamento no rigor com que vinha tratando os mensaleiros. Os chamados “embargos infringentes”, que, praticamente, inexistem na maioria das supremas cortes do mundo, lograram derrubar, em votação plenária, a acusação de formação de quadrilha dos principais réus do mensalão, entre os quais José Dirceu e José Genoíno, não obstante o veemente protesto de Joaquim Barbo-

sa. Este, pressentindo que, dali para a frente, seria derrotado nos embates criminais mais polêmicos, chegou a afirmar: “Com argumentos pífios, foi reformada, jogada por terra, extirpada do mundo jurídico, uma decisão plenária sólida e extremamente bem fundamentada.” E continuou: “Esta é uma tarde triste para o Supremo.”

Em artigo comentando o julgamento, a Revista Veja escreveu: “O Brasil nunca teve um ministro como ele (...) No julgamento histórico em que o STF pôs os mensaleiros (e o governo e o PT) no banco dos réus, Joaquim Barbosa foi a estrela – ele, o negro que fala alemão, o mineiro que dança forró, o juiz que adora História e ternos de Los Angeles e Paris”. Segundo a Veja: “O ministro Joaquim Barbosa, mineiro de 52 anos, votou em Lula, mas foi implacável na denúncia do mensalão (...)”

No dia 11 de junho de 2014, um incidente lamentável veio completar o desconforto que, desde o início do julgamento dos “embargos infringentes”, atormentava o ministro Barbosa. O advogado Luiz Fernando Pacheco, defensor de José Genoíno, interrompeu abruptamente a sessão plenária do STF, exigindo que fosse julgado, imediatamente, um recurso por ele interposto, concedendo prisão domiciliar a seu constituinte. Ante a negativa de Barbosa em atendê-lo, o advogado passou a dirigir ameaças contra o presidente do Supremo, o que o obrigou a solicitar que os seguranças o retirassem do local.

Ao invés de apoiar a firme atitude de Barbosa, a OAB organizou um ato de desagravo ao advogado infrator, desprestigiando, dessa forma, a autoridade ofendida. Certamente, esse ato contribuiu decisivamente para a aposentadoria precoce de Joaquim Barbosa, ocorrida em 31.07.14.

Seu sucessor na presidência do Supremo, Ricardo Lewandowski, notabilizou-se, no julgamento do mensalão, por apoiar

os réus do processo, seja tentando adiar a aplicação das penas devidas, seja empreendendo tentativas de reduzi-las ao mínimo possível.

Não obstante os dissabores que teve de enfrentar como relator da Ação Penal 470, bem como na qualidade de presidente do STF, ao longo de mais de 60 sessões plenárias, Joaquim Barbosa deixa aos brasileiros de todas as gerações um legado de honestidade, intrepidez e firmeza no enfrentamento de pressões e ameaças que tentam obstacular a ação dos que procuram a verdade e a justiça. Além do mais, mostrou que, com esforço e perseverança, é possível vencer obstáculos aparentemente intransponíveis.



A FESTA DO REENCONTRO



15 de janeiro de 2005

A Associação dos Filhos e Amigos do Ipu (AFAI) ofereceu aos seus conterrâneos, no dia 15 de janeiro de 2005, uma lindíssima festa, tendo como palco a Pracinha do Quadro, onde está edificada a centenária Igreja de Nossa Senhora do Desterro.

A alegria e a confraternização envolveram a todos que estiveram presentes àquela “Festa do Reencontro”. Aqui e ali, ipuenses se abraçavam, revendo-se numa felicidade contagiante.

Vários e animados grupos se formavam ao redor das mesas enquanto os mais informais preferiam os locais mais próximos dos bares para, entre um gole e outro, lembrar com amigos os tempos idos da infância e da juventude. No palco, após a apresentação de uma banda local e de uma dramatização apresentada por jovens e valorosos atores locais, Alencar Soares, “Escoteirim” e “Gonçalo do Dão” dedilhavam os seus instrumentos musicais sob os aplausos e olhares curiosos.

De Assis Martins, Grayce Farias, Maria das Graças Aires, Sebastião do Vale e outros revezavam-se, cantando lindas melodias, propiciando a inúmeros casais momentos nostálgicos, dançando descontraidamente no centro da pracinha.

Na segunda parte do evento, o mestre de cerimônia, Azevedo, convocou a diretoria da AFAI, recém-eleita, para a solenidade de posse. Em seguida, foram homenageados (in memoriam), com o “Troféu Iracema”, os senhores Antonio Carvalho Martins

e Rosa Amélia de Paiva. Com o destaque de Honra ao Mérito foram agraciados José de Alencar Soares e Frei Aquino.

José Júlio Torres, descontraidamente, leu o CORDEL INTERNÉTICO (assim o chama) de sua autoria e do grande ausente, Tataís, feito nos dias que antecederam a grande festa.

Mas o ponto alto foi o brilhantismo dos discursos do orador oficial da AFAI, Luciano Paiva, e do eloquente ipuense Ozires Mourão, residente em Londrina (PR), que há trinta anos não visitava a sua terra natal.

A partir daí veio a descontração. Encorajados pela cerveja várias vezes surgiam para surpresa dos demais. Luciano Paiva, com sua voz forte, cantava um tango, enquanto o afinado Raimundo Josino, para a nossa surpresa, entoava um lindo fado. Na sobra, Abílio cantava Maringá, auxiliado por um afinado coral constituído por Bertim, Azevedo, João Tomaz, Zé César, Tarcísio Bentivi e outros mais.

Zé César, cansado de tantas idas e vindas do copo, implorava ao violonista por Bolero, de Ravel. Escoteirim até ensaiou, mas não conseguiu atendê-lo.

São Pedro, lá de cima, fez-se presente. Talvez a pedido do Mártir São Sebastião abençoou-nos com alguns pingos d'água inaugurando, naquela noite, a quadra invernososa.

A madrugada passava rápido. Aos poucos as pessoas iam se despedindo: tristes, alegres e saudosas. Nós, irredutíveis, nos dirigimos ao nosso ícone maior, a Bica do Ipu. Lá, início da manhã, quando já se aproximavam os primeiros visitantes, continuávamos: “♪... Terra Cheia de Encantamento...”

Abílio, 17 jan 2005.



O CÉU ESTÁ EM FESTA



Usando um passaporte celestial seguiu ontem para o céu, uma alma santa.

Aqui, vivia em harmonia com os princípios franciscanos. Seus gestos e palavras eram, sempre, pigmentados de ternura de bondade e amor. Era-nos um exemplo.

Os seus últimos dias foram de sofrimento. O leito simples de um hospital foi, aqui, a sua última morada, causando aflição a todos aqueles que o amava. E eram muitos.

Mas Deus quis purificá-lo ainda aqui na Terra para que não fosse necessária alguma escala na sua viagem final. Pois, como é sabido, o sofrimento é um instrumento da purificação.

Às 18h30h de ontem, dia 24 de novembro de 2013, São Cristóvão o pegou e o levou com outras almas para um lugar elusivo a todos nós.

Na viagem, o santo protetor recebe uma mensagem célica autorizando seguir direto ao céu, sem fazer a “escala de praxe”, para deixar uma alma santa que merece estar, ainda hoje, ao lado do Senhor.

As almas-passageiras se entreolham e indagam buscando saber quem era a alma privilegiada.

— És tu?

— Não, eu tenho contas a prestar.

— Será aquela?

— Não, aquela, parece-me ter, também, contas a pagar.

Enquanto isso, num cantinho encontrava-se, na condução celestial, uma alma magrinha, pequenina e simples, aguardando humildemente a estação intermediária para, lá, continuar com mais alguns sacrifícios, o paraíso eterno.

Lá chegando São Pedro assim se portou:

— Vem santinho, há dias te esperamos.

Abriu as portas do céu e o levou ao Senhor dos senhores. Este o olhou e de braços abertos falou: Meu filho: abraça-me. Tu cumpriste os meus mandamentos.

Meu querido Frei Aquino: já que tens residência fixa na morada celestial, vivendo tão próximo do Senhor, intercede por teus amigos que aqui ainda se encontram e que são tão vulneráveis ao pecado.

Abilio Martins, 25 nov 2013.



MARIA DAS GRAÇAS AIRES MARTINS

Cadeira nr. 13

LONGEVIDADE E ALEGRIA !!!



Como é maravilhoso cantar a vida principalmente aos 91 anos, em plena consciência, desenvolvendo atividades diversificadas, especialmente produzindo licores de diversos sabores já tão conhecidos e apreciados pelo povo ipuense e por todos aqueles que visitam a “Terra de Iracema” indo de encontro a Cascata do Ipuçaba!

Estamos nos referindo ao Sr. Francisco Gonçalves Martins, ou simplesmente “Seu Fransquim”. Conhecido não só no Ipu, onde reside, mas, por todos os lugares onde chega o sinal da internet, através de tantas e tantas reportagens com ele realizadas. “Seu Fransquim” tornou-se uma figura folclórica ipuense, não tão somente pelo trabalho que desenvolve, mas pela sua simplicidade e humor agradável com que conta histórias engraçadas do seu tempo de rapaz, quando tocava o seu cavaquinho exibindo a sua roupa branca de suspensório, sapato preto de bico fino e cabelo bem penteado, sobre o brilho da brilhantina, chamando atenção das moças nas festas de Guaraciaba do Norte, Croatá e outras localidades próximas ao “Sítio Espinhos”, local onde nasceu e viveu até seus 21 anos de idade, transferindo-se em 1944 para a cidade de Ipu-Ce na companhia do seu estimado tio João Anastácio Martins (Sr. João Chiquinha) que, conhecendo a fluência comercial do sobrinho, dividiu com ele as suas atividades de vendas de tecidos e outras diversas mercadorias, não só na cidade de Ipu, mas por toda a redondeza (serra e sertão), assumindo logo depois



das suas primeiras experiências de vendas, a loja de tecidos do Sr. “João Chiquinha” o (tio João) localizada no Centro Comercial de Ipu. Eram três vendedores no balcão, também da família mas: “este rapaz, o Fransquim é o coração desta loja” (dizia o Sr. João Chiquinha).

Por gostar muito de música, foi convidado pelo Pe. Cauby Jardim Pontes (1945) para trabalhar no Estúdio (Stúdio) da amplificadora São Sebastião, que funcionava a princípio no Cine Teatro Moderno, alegrando as noites dos ipuenses com as mais belas e românticas valsas de Vicente Celestino, Orlando Silva e outros. As valsas escolhidas já tinham destino certo: tocar o coração da musa que estava a cada momento no seu pensamento alimentando as ilusões de rapaz romântico. Era uma das moças mais lindas do Ipu na década de 40, que cantava e encantava a todos com sua beleza e sua voz suave e de uma afinação incomparável, cantora do Coro Santa Cecília da Paróquia de Ipu: Tereziinha Aires Martins, sua eterna musa. Casou-se em 18 de Julho de 1948 e constituiu uma família linda ao lado daquela que escolheu para ser a mãe ideal para seus filhos que chegavam ano após ano alegrando o lar daquela família que se formava sob a LUZ da FÉ, da VERDADE e do AMOR. As dificuldades que surgiam no dia a dia, eram compensadas pela esperança de dias melhores, tendo sempre a oração como a solução de todos os problemas.

Hoje, “Seu Fransquim” ameniza sua tristeza e eterna saudade da esposa querida ouvindo suas músicas preferidas, na sua antiga radiola, no seu radinho e fazendo o “Licor do Amor” no seu tradicional pontinho conhecido como: “Casa do Licor”, num local estratégico que dá acesso à Bica do Ipu”. Quem passa não só cumprimenta “seu Fransquim”, mas, prova e compra o delicioso produto caseiro, para os momentos especiais como aniversários, noivados, casamentos, etc.

Sua família é a sua alegria e sua segurança. Seus oito filhos, expressão viva do seu amor, completam a sua razão de viver. Seus netos e bisnetos, lhe distraem com diálogos interessantes, explorando e admirando a sua sabedoria, contando histórias de um passado que se confronta com um presente agitado e cheio de tecnologia.

Por ocasião do seu aniversário de 91 anos em 20/08/2014, em família agradeceu a Deus o dom da vida, sua longevidade, que ainda lhe faz viver com “ os pés no chão e a cabeça no lugar, mesmo com o coração todo remendado” (palavras dele, descontraído e sorridente.)

“Seu Fransquim” é o nosso pai que batalhou no tempo como um guerreiro firme e forte para manter com dignidade a família, dentro dos padrões necessários para o equilíbrio de cada um.

Hoje, nas suas palavras pacíficas e no seu leve sorriso ele desfruta da tranquilidade de um dever cumprido.

Parabéns papai!

Na passagem dos seus 91 anos, beijamos as suas mãos e lhe agradecemos pela vida, formação que o senhor nos deu ao lado da nossa tão querida e amada mãe que permanece viva em nós, enquanto canta com os anjos no paraíso celestial.

Homenagem de carinho e gratidão dos filhos:

Maria das Graças Aires Martins, Francisco Hélio Aires Martins e família, Jesualdo Aires Martins e família, Fátima Maria Aires Martins e família, Ana Lucila Aires Martins e família, Paulo Rogério Aires Martins e família, Flávio Marcilio Aires Martins e família e Tereza Cristina Aires Martins.

Ipu-Ce 20 de Agosto de 2014



NATÁLIA MARIA VIANA SOARES LOPES

Cadeira nr. 14

MÃOS VERSÁTEIS



Cantei saudades, o amor,
cantei verdades....
falei de esperanças, de carinho,
da natureza em flor;
de tudo um pouco eu versejei,
e, agora, quero cantar
a milagrosa versatilidade
de minhas mãos:
mãos pequenas e comuns,
habilidosas....
conservam, há anos,
muitos anos,
o símbolo do amor - minha aliança;
elas semeiam,
elas saram e acariciam.
Mãos carinhosas
as minhas mãos!...
também fazem o café,
mexem a panela,
cuidadasas.
Nos trabalhos caseiros,
na água ou no solo,
elas semeiam o amor.

Sujaram-se de giz,
de lágrimas e suor...
eternas companheiras
uniram-se em preces.
As minhas mãos...
de unhas enfeitadas ou bem curtas,
sabem tecer a linha
e os liames do amor.
Aprenderam, bem cedo,
a manusear o lápis
e a agulha de tricô...
digitam, no word,
em trechos técnicos ou poéticos,
elas digitam a vida.
Com o passar dos anos,
envelhecendo,
a pele enrugando,
resistentes e firmes,
glorificam a Deus
em preces de louvor.



MINHA MÃE



Pela cortina de lágrimas
vejo-te ao longe, mãe querida...
quero falar de ti,
burlar os sonhos,
acreditar no céu e repensar a vida.
Foste esteio, brandura,
labuta e altruísmo,
sem referência paterna, órfã que foste cedo,
soubeste ser tão forte
e tão altiva!
Misto de graça e firmeza,
teceste nossa vida
na decência
e no amor,
em gestos grandes,
nas mais suaves notas
de doce melodia.
Quão grandiosos foram
os dias de incerteza,
ao encenar conosco,
cada ato de tua difícil vida...
eram três as tuas esperanças,
as três filhas,

e com a firmeza de Hércules,
em tempo ingrato e custoso
venceste os temporais
do mar da vida,
angariaste energia
em toda cena vivida.
Mãe amada – símbolo de doação,
de grandeza e fervor,
em tua caminhada
soubeste interpretar os mistérios do amor.
Eternizada estás em tua descendência,
memória indelével
em cada um de nós.



Natália Maria Viana Soares Lopes é acadêmica da Academia Ipuense de Letras, Ciências e Artes – AILCA, ocupante da cadeira nº 14. Filha de Francisco de Assis Viana e Maria Ivone Aragão Viana, nasceu em Fortaleza-CE, é Cidadã Ipuense, professora estadual aposentada, residente em Ipu.

ANA LUCILA AIRES MARTINS

Cadeira nr. 17

MISTURANDO CORES



Misturando cores
Vejo a vida
Sentindo, criando
Espalhando tintas
Espalhando tintas
Vou misturando cores
Na tela da vida
Sentindo, criando
Azulando, laranjando
Purpurando,
Formando tons
Imaginando sons
Arco íris de sentimentos
Que brotam
Na tela
Da minha vida.



Projeto Casarios do Ipu
Ana Lucila Aires Martins



NOSSO ADEUS AO FREI AQUINO



Em novembro de 2013 transcorremos dias sombrios quando nossos corações foram dilacerados por uma profunda tristeza pela partida de um ente amado e admirado, o nosso querido Frei Aquino. As lágrimas nos saltaram aos olhos. Tãmanha dor nos tortura o coração ao pensar que não mais teremos entre nós o amigo, o irmão, o conselheiro, o nosso saudoso Frei Aquino. Mas em meio ao tormento tão dorido, suaviza-nos a certeza de que o Céu está em festa. Frei Aquino finalmente é coroado e recebido pelos anjos, no sonhado encontro aos braços do Pai. Preparando essa festa, ele doou toda sua vida. Amou e ensinou a amar. Perdoou e ensinou a perdoar. Deixou-nos um belo exemplo de vida e humildade franciscana. Frei Aquino representou para nós um fiel seguidor de Francisco de Assis.

Como dizia Tagore: “A sombra segue devagarinho atrás da luz coberta com um véu em secreta humildade com um silencioso andar de amor.” E através da preciosa virtude da humildade, Frei Aquino nos fez sentir com seu exemplo de vida a transcendência do amor que transpõe a individualidade do ser.

Frei Aquino foi o despojar-se, o desapropriar-se, o seguir os passos de Jesus. Através de suas palavras e ações manifestou o segredo de sua alma mais profunda que o mar e radiante de incomparável benevolência. Procurou estabelecer o vínculo indissolúvel entre Criador e criatura.

Disseminou os valores fundamentais que impulsionam a vida em sociedade, em família, realçando a dignidade do ser humano, imagem e semelhança de Deus. Proclamou a sublimidade do espírito cristão, a devoção pela vida, abnegação e amor ao próximo.

E nesta certeza, não temos o direito de cultivar tristeza e sofrimento. Saudades sim. Estas são imorredouras. A sua lacuna é deveras impreenchível. Mas a convicção de que hoje ele está na verdadeira glória face à face com o Pai nos faz sentir uma energia transcendental e plena que nos envolve de esperança e fé. E ainda citando Tagore: “Uma parábola nos ensina que o sol, ao se por atrás dos montes, disse: vou embora. Porém quem me substituirá? E uma humilde lamparina respondeu: farei o melhor que puder.”

Imbuímo-nos, então, da grande responsabilidade de seguir o santo exemplo de Frei Aquino. Trilhar nossos caminhos através de seus ensinamentos. Eternizarmos em nossas vidas a sua imagem como nosso verdadeiro protótipo de amor e fé.

Lembrando Ignacio Larrañaga, Frei Aquino “ foi levado para o País da Vida. Sua morada desde agora é o descanso, sua roupa é a luz. Acabou-se o combate. Para ele não haverá mais lágrimas, nem dores, nem prantos. O sol brilhará para sempre em seu rosto e uma paz intangível assegurará definitivamente suas fronteiras”. A ele toda nossa saudade, respeito e o nosso adeus cheio de admiração.



MARIA DE LOURDES DIAS LEITE BARBOSA
(Lourdinha Leite Barbosa)
Cadeira nr. 20

EMENDANDO O TEMPO



A agulha do tempo costura a bainha dos dias
perdidos nas verdes veredas da inocência.
Tempo das primaveras, esgarçadas quimeras,
debruçadas nas carcomidas cercas.
Das chuvas que lavam o alpendre e as dores apascentam.
Risos e vozes infantis ainda ressoam
entre paredes inexistentes.
A figura de meu pai esfuma-se na curva do caminho e
retorna a galope no vento.
Eterno é o tempo.
Os sonhos perdidos são molambos
pendurados nos varais da mente.
Da juventude o calor, do interdito o medo.
Água represada na nascente.



JOÃO MARTINS DE SOUZA TORRES

Cadeira nr. 22

REPENSANDO REFLEXÕES



O ser humano, em sua longa evolução, chegou, a duras penas, ao estágio de HOMO SAPIENS (SAPIENS, do latim, quer dizer: que sabe, sábio, prudente, sensato). É, então, dotado de inteligência, pensa e tem a capacidade de evoluir.

Abstraindo-se de concepções religiosas, por não ser o escopo desta exposição, ele, o ser humano, dispõe de vários recursos para expressar seus sentimentos, pensamentos e desejos. Um dos mais importantes é a fala, daí a criação da palavra, evoluindo para a escrita da mesma.

Palavra, em latim VERBUM (verbo), vem do grego PARABOLÉ: faculdade de se expressar por meio de sons articulados; fala.

Verbo (palavra) é um conceito tão forte que é usado na Bíblia para significar o Filho, a segunda pessoa da Santíssima Trindade. “E o Verbo se fez carne e habitou entre nós”.

Sabe-se que grande parte das palavras tem um ciclo de vida: nascem, modificam-se e podem desaparecer. Uma são longevas, como amor, felicidade, tristeza, dor, alegria. Outras, contudo, são fugazes ou adormecem no desuso. Algumas assumem modificações em seu significado original. Por exemplo: Mundo, do latim MUNDUS (limpo, oriundo do verbo MUNDARE=limpar), há muito tempo quer dizer Universo. Atualmente, o mundo não está limpo, está imundo em virtude dos maus-tratos. Outra palavra

para Universo vem do grego KÓSMOS (cosmo), cuja tradução é limpo, adornado. Daí o termo cosmético.

Voltando ao título REPENSANDO REFLEXÕES, pensar, etimologicamente, significa pesar, considerar, ponderar. ‘Repetido’, é repensar. Já ‘reflexões’ vem de refletir (do latim REFLECTERE), fazer retroceder, desviando da direção inicial, meditar.

Busquei rever assertivas, provérbios e dizeres, todos consagrados pelo austero tempo, e passo a refletir sobre alguns.

Início pelo termo ESTUDO (STUDIUM, em latim). Hoje, como nunca, se fala em todo o Brasil e para todo o país sobre a inquestionável importância e necessidade do estudo, da escolaridade e, mais abrangentemente, da educação. É uma bandeira tratada, prometida e garantida com muito ardor e pouco pudor por todos os candidatos a cargos eletivos.

A palavra ESTUDAR deriva do latim STUDERE que, primeirissimamente, quer dizer: aplicar-se, ter cuidado, pretender alguma coisa com empenho, esforçar-se e, só por último, tem o significado de estudar, aplicar-se às letras. Atualmente, só permanece este último conceito. Então, não nos esqueçamos, estudar significa esforçar-se, ter determinação e persistência, motivação, garra. Assim agindo, o resultado é muito promissor na grande maioria dos casos.

É muito edificante e comovente o antigo dizer: “CADA UM POR SI E DEUS POR TODOS”. Não sou contra, mas acharia bem mais apropriada uma decisiva modificação: “Cada um por todos e Deus por cada um”. Isto livra a primeira assertiva de um profundo individualismo. É bem mais recomendável e ético que cada um lute por todos. Em assim fazendo, pouparíamos a intervenção divina e atenderíamos a sábia observação bem antiga e consistente: “O que não é bom para o exame não é bom para a abelha”. É provado pela História que o individualismo exagera-

do e desrespeitoso prejudica o coletivo, que acaba inviabilizando com o tempo a pretensão individualista. Passou o tempo da “Independência ou Morte”, hoje vale “Interdependência ou Morte”. Com a modernidade e o estonteante progresso tecnológico cada vez mais dependemos uns dos outros. Que o solitário ceda lugar ao solidário!

O que dizer do HOMO SAPIENS? Tem sido sábio, prudente o animal humano ter se autocognominado SAPIENS, o único ser inteligente da escala biológica? Ele reina como o maior predador da Mãe Natureza (Gaia). Produziu armamentos capazes de destruir o planeta Terra e a si mesmo acima de cinquenta vezes. Diz-se que, por ser o maior predador, Deus o castigou severamente dando-lhe um terrível predador: o próprio homem. Daí o dito da antiga Grécia: “O homem é lobo do homem”. Vide as guerras, os genocídios, a miséria e a fome dos desfavorecidos em consequência de perversas políticas econômicas. Este é o HOMO SAPIENS ou o HOMO BURRIENS?

Sabe-se que os dois maiores orçamentos do mundo atual são, em primeiro lugar, o bélico, e, em segundo lugar, o do narcotráfico, este oficioso. Ambos destrutivos em essência e desnecessários se o homem fosse, de fato, SAPIENS, ético. Sobrariam recursos financeiros para a humanidade, com justiça e respeito, refazer o paraíso perdido na Terra. O mundo seria limpo (Mundus) e ornado (Kósmos) numa verdadeira e ampla visão ecológica.

Jesus Cristo, solicitado por seus discípulos, lhes ensinou a mais bela, concisa e consistente oração: O PAI NOSSO. A refletir, merece consideração o seguinte trecho: “Perdoai as nossas ofensas assim como nós perdoamos a quem nos tem ofendido”. Então, nós homens estamos pedindo a Deus que nos perdoe da maneira com que nós perdoamos nossos semelhantes. Isto é muito comprometedor, pois é reconhecida a nossa pouca capacidade

em perdoar. Atentemos para o nosso crescimento na prática do perdão! Lembremo-nos que perdoar vem diretamente do latim PERDONARE (donare - dar; per – demais, antes). Busquemos pelo amor a Deus e ao próximo a virtude do perdão que é uma atribuição divina, exigida na Nova Lei introduzida por Cristo: o amor ao próximo, mas também até aos inimigos.

Se a fala (palavra) pode ser poderosa, o que dizer do silêncio? Ousaria propor que o silêncio é uma fala muda, em princípio prudente. Apesar de recomendável, nem sempre o silêncio é bom. Pode significar omissão. Em ambas as situações não deve haver prejuízo da verdade. “Um tolo que não diz palavra não se distingue de um sábio que se cala” (Molière, 1622-1673).

A favor do silêncio vale a assertiva de Carlos Afonso Schmitt: “Quando a palavra superar o poder do silêncio, use-a. E só então”.

Por conveniência de espaço, concluo estas poucas reflexões citando um pequeno grande texto do poeta chileno Juan Guzmán Cruchaga. Trata-se da arte de sentir e do saber. Chamarei de “Hino a Jó”:

“Dou por ganho tudo o que perdi.
E por recebido tudo o que esperei.
E por sonhado tudo o que vivi.
E por vivido tudo o que sonhei”.

Paz e Bem!

João Martins de Souza Torres é membro titular da Academia Ipuense de Letras, Ciências e Artes, membro titular da Academia Cearense de Medicina, professor de Cirurgia Cardiovascular da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará, membro da Sociedade Brasileira de Cirurgia Cardiovascular.

BIOGRAFIA: SEBASTIÃO EVANGELISTA TORQUATO



Nasceu em Ipu-Ce – 25/04/1936, na localidade de Sítio Palmeira (município de Ipu), filho de Assis Francisco Torquato e Maria de Sousa Torquato. Fez o curso primário no Ipu, secundário (científico) em Sobral e Liceu do Ceará, prestou vestibular em 1959 para o curso de Medicina e concluiu em 1965 na UFC.

Iniciou sua carreira como médico na cidade de Nova Russas – Ce, tendo na mesma cidade permanecido pelo período de 48 anos salvando vidas humanas, sem, no entanto, priorizar vantagens financeiras. Para ele, escolher a Medicina, ser médico e, como se diz, exercer um sacerdócio na faina diuturna, na busca do bem estar e da preservação da vida humana.

Exerceu a função de médico também nas cidades de Crateús, Poranga, Novas Russas, Tamboril, todas no Ceará, além de atender em seu consultório e Hospital de Nova Russas.

Formação Profissional:

Formação em ginecologia obstetrícia e clínica médica.

Foi casado com Aurileda Matos Torquato e tiveram 5(cinco) filhos, Sebastião Evangelista Torquato - médico, Lia Matos Torquato – enfermeira, Remo Matos Torquato – formado em Direito, Francisco de Assis Neto Torquato – formado em Informática, e Raquel Matos Torquato – formada em Direito.

Faleceu em fevereiro de 2014.

Dr. Evangelista Torquato tinha sempre interesse, garra e determinação em servir seus pacientes, mesmo na sua ausência causada por sua prematura e lastimável morte, todos guardarão o brilho de sua presença.

Para o Dr. Sebastião Evangelista Torquato, o nosso preito de saudade e amizade.

O MÉDICO

(Ao meu irmão: Dr. Evangelista)

Benditas as mãos, divinamente puras,
Que trazem consolo à dor do paciente.
Mãos tão puras como a água da nascente
Que vão suavizando, sempre, a dor pungente.

Benditas estas mãos que foram feitas
Para transformar a morte em vida plena
Povoando de esperança a pobre gente.
Lutando, sem temer, a duras penas.

É viajante maternal do tempo.
Nas noites mal-dormidas ou madrugadas,
Leva sempre a cura ao estado pleno.
Afasta dos corações dores e mágoas.

Amar, amar este ou aquele, a nós.
Sem troca ou louvor ou sentimentos...
E vai na caminhada persistente, sempre
Transformando a vida em oração.

O OLHO DE DEUS

O olho de Deus me vê
na busca do mistério
em meio à pedra e céu
na iluminação de um sorriso
no amor ao próximo meu irmão
No chorar na existência
dominada pela dor
O olho de Deus me vê
na visão do amanhã
e me ensina a perdoar
o inimigo dentro do passo
de cada dia
Que a bondade
me atinja no instante
da treva dos meus inimigos
sem que me ofereça
sua face ainda que eu sinta me conduz por retos caminhos
resgatando esperanças
Ter um olhar generoso sobre tudo e sobre a vida
Para tudo, no amor ou na guerra
Deus sabe e vê
Por onde eu caminhe
levarei teu olhar, se a tristeza vier
se a fantasia aflorar
Teu olhar me livrará da morte e desilusão.



Maria Vanda Torquato Scorsafava é graduada em Letras, Pedagogia e Artes Visuais, com especialização em Educação. É membro da Academia Ipuense de Letras, Ciências e Artes, Cadeira 24. Publicou os livros: JUNTANDO PEDAÇOS, ENLAÇANDO PALAVRAS e BAÚ DE POEMAS. Todos poesia.

MARIA DE JESUS LIMA

Cadeira nr. 26

SONHO DO MEU CORAÇÃO



Sonho ser poetisa
Sonho que vai fecundar
Sonho em nome do amor
Sonho que sabe esperar

Sonho ser poetisa
Sonho que volto a sonhar
Sonho que não vou esquecer
Sonho que vou alcançar

Sonho ser poetisa
Sonho oriundo do amor
Sonho de um sentimento
Sonho marcado de dor

Sonho ser poetisa
Sonho nascido em botão
Sonho sonhado e sentido
Sonho do meu coração.



MOMENTOS

(Cidade da Criança)



Sob olhares que se distanciam dos passantes
E daqueles que até permanecem despercebidos
(Recordo aqui momentos pouco agradáveis)
Sinto um tédio talvez enfadonho,
Mas as plantas,
Vez por outra,
Lançam um suave sorriso em direção aos passantes
Ou mesmo em direção aos que estão como eu:
Paradas...
...esperando o benefício
Brando e suave.
Comportamento da natureza verde
Que vez por outra deixa escapar
O frescor
Da brisa
Do vento
Sobre o nosso apelo silente.
As folhas se embalam emitindo um sussurro,
Um ruído da força constante da natureza invisível
Que constrói e destrói
Sem declarar
Razões.

MISTÉRIO DA VIDA
(Como vi a vida do presidente)*



Caminhos infindos
Ventos evolutos
Cordilheiras em desfile
Sonhos mantidos
Arpejos constantes
porém sem roteiros
Não basta querer
para tudo vencer

Muralhas se erguem
Passos encurtam
Noites em trevas
Encruzilhadas indecisas
Esforços precisos
sem hora marcada
Não basta querer
Para tudo vencer

Etapas vencidas
Novas batalhas
Desejo crescente
Do topo alcançar
Sorriso enlarguece

Oferta de prece
Luta estafante
No tempo presente
De águas correntes
Em busca do mar
Mistério suposto
Nas ondas revoltas
Tentando tragar
Anseios contidos
No verde das águas
Que o barco veleja
De chama acesa
Mandando esperar

Pronúncia divina
Segredo celeste
Traçado supremo
Envolto de sombras
Ordena em silêncio
O longo calvário
Mistério da vida
Que a força terrestre
Não pode conter
Não basta querer
Para tudo vencer.

(Madejesu Lima, Abril de 1985)

*Em memória de Tancredo Neves



HELOÍSA MARROCOS DE ARAGÃO – Biografia



Nasceu em Ipu (Ceará), no dia 23 de fevereiro de 1909. Filha de José de Assis de Araújo e Francisca Marrocos de Araújo.

Estudou em Ipu no colégio de seu tio e teve como professor, Luís Jácome que posteriormente mudou-se para Sobral continuando a lecionar.

A jovem Heloísa não resistiu ao assédio de Leocádio Ximenes Aragão, viúvo com cinco filhos, casando-se em 1934. Seu casamento com Leocádio foi harmonioso, usava de muita sabedoria e habilidade no entendimento com seus enteados.

Tiveram dois filhos, Luciano Marrocos Aragão, arquiteto bem conceituado e Célio Marrocos Aragão, promotor de Justiça muito competente, e dez netos.

Heloísa era autodidata, seu robe sempre foi a leitura, não importava o autor. Possuía, também, o talento da arte epistolar fluente, mantinha correspondência assídua com os irmãos que residiam fora do Ceará preservando assim o elo da amizade.

Preocupada com a educação de seus filhos, repetia sempre a eles a frase de Castro Alves: “Os pequenos só devem fitar os Andes para no futuro chegar lá.” O que significa dizer aos filhos que teriam de estudar, crescer, lutar para um dia chegar ao ápice de uma profissão.

O talento de dona Heloísa era peculiar da família Marrocos Aragão.

Francisco Marrocos Araújo, seu irmão, era a segunda pessoa do Banco Nacional, de Magalhães Pinto em Belo Horizonte – Minas Gerais. Antonio Marrocos Araújo era membro da Academia de Letras de Piracicaba – São Paulo. Raimundo Marrocos Araújo era funcionário do Ministério da Saúde, FSESP, hoje FUNASA, principal assessor de todos os presidentes que administraram o órgão.

Dona Heloísa e Maria do Carmo, minha mãe, eram amigas e confidentes, falavam-se quase diariamente, estendendo esta amizade a todos nós filhos.

O elo que as unia era tão grande e forte que em sua fase terminal, minha mãe foi visitá-la no hospital, e estando com uma cirurgia marcada, ela mesma, no auge de seu sofrimento disse: "Maria do Carmo, ofereço meu sofrimento, pelo sucesso de tua cirurgia."

Dona Heloísa era muito querida e respeitada por todos que com ela trabalharam. Faleceu no dia 29 de junho de 1998 em Ipu, cercada pelos filhos, netos, Conceição e Marta que foram fiéis e estiveram ao seu lado até nos últimos instantes de sua vida. Permanecem em sua casa, conservando-a e recebendo filhos, netos e amigos que vão ao Ipu.



REQUINTE OU MELHOR, TEXTO SENTIDO



Neste mês de agosto, do ano da graça de dois mil e quatorze, resolvemos, em comum acordo, eu, minha mulher Fátima Helena e Solon Neto, Vitória não conta porque ainda nos acompanha em todos os momentos, irmos a um casamento. Casamento é até comum para nós, mas não este. Este era um casamento de um neto de uns tios mui queridos da minha mulher, e, por consequência, meus também.

Decidimos por ir, porque este evento (e turismólogo como eu não faz nem vai a festa, faz e vai a eventos) era em Curitiba... Primeiro a despesa (coisa ruim e boa é ser assalariado... hahaha) depois o tempo. Por fim a vontade de continuar gostando dos primos... e isto é o elemento fundamental. Estes primos (dos meus pais e tios da minha mulher) foram e são extremamente atenciosos conosco. Aqui já começa o requinte. Curiosamente o Pardaillan foi afilhado dos meus pais. Dai vêm às teias de relações de muitos anos. Tia Anael e tio Pedro Lima (assim me ensinaram a chamá-los), tiveram a ideia, não sei de onde, de convidar justo os meus pais para apadrinhar o filho. E para mim, ideia fantástica..., bom gosto eles tinham...(também pudera os padrinhos eram meus pais.... hahaha).

Pois, como já disse o requinte começa dai. Depois a avó Ana (casada com Pardaillan), é filha de outra prima legítima dos meus

pais (meus pais também eram primos legítimos entre si). Dai, eu nunca poderia declinar de um convite vindo desta estirpe.

Pois bem (como dizia meu pai), resolvemos e fomos até porque Curitiba é emblemática nas nossas vidas (na minha e de Fátima Helena), foi esta cidade que escolhi para passar nossa lua de mel, há exatos 26 anos e dois meses do casamento do Wally Neto com a curitibana Mariana. Neste tempo todo nunca tínhamos voltado a Curitiba e agora iríamos com nossos filhos... Quando fomos passar nossa lua de mel, foi tudo *free*, aquela época também era agente de viagens e como tal ganhávamos tudo.

Fomos primeiramente movidos pelo amor e a atenção que devemos manter pelos que merecem. E eles merecem sempre pelo fato de serem atenciosos. Aproveitamos para conhecer o que ainda não existia quando de nossa lua de mel e melhor ainda, muito melhor, com nossos filhos (embora o Pedro Henrique não tenha podido ir. Achava ele que neste período estaria estudando para o “vestibular”, mas, semanas antes de viajarmos ele já estava na universidade e para o meu regozijo em um curso admirável... Licenciatura em Teatro. Há, como sou uma pessoa privilegiada, um filho estudando artes, parece-me que estou conseguindo passar valores...) Mas visitamos o Palácio de Cristal e o Jardim Botânico, a Inglaterra no Brasil, que bonito!!!

Mas o ponto alto da viagem foi mesmo o glamour e o requinte. Na Igreja de São Vicente de Paula aconteceu a cerimônia religiosa. Ambiente acolhedor e para mim mais ainda... ao chegarmos estava ela iluminada a luzes de velas, que fantástico. Depois se acenderam as luzes... é preciso. Cerimônia elegante e, sobretudo divinal...

Saindo de lá nos dirigimos ao Clube Curitibano conduzidos pela equidade do Solon Neto... chegamos muito bem e sem difi-

culdades (também pudera com GPS...). Surpresas nos esperavam e muitas... e a maior delas era conhecer pouquíssimo dos convidados, a família do noivo somente e diga-se de passagem apesar de ter muitos tios, pela quantidade de convidados pareciam poucos... Fomos apresentados a mãe da noiva. Pareceu-me uma senhora requintada, elegante e, sobretudo educada... que bom!!!

Mas as surpresas não pararam aí. Os garçons a *maximu's rigor* elegantemente vestidos para uma ocasião de requinte como foi aquela festa. A mesa, posta a francesa, embora o serviço não tenha sido este (em função dos tempos de excelsa modernidade), mas o que, não retirou o brilho o rigor e o requinte do evento... A entrada finamente escolhida composta de canapés e degustação dos mais finos *fouad garden*, “iguarias servidas ao fino trato em um jardim” e que tem muitos significados, dentre eles, o coração, de origem árabe e que adaptou-se tão bem a cultura francesa. O *fouad garden* que significa a beleza, animação, dinheiro esta intimamente relacionado a este evento, pois tudo isso se viu naquele ambiente. Curiosamente, degustei na entrada de um jantar, uma iguaria que só vê-se pelo nosso Ceará e em alguns cantos do nosso Nordeste Brasileiro: um escondidinho de carne de sol... com certeza não foi feito em minha homenagem, porque aprecio, estudo e divulgo a culinária cearense e seu folclore... certamente pelo sentimento de pertença do noivo... uma pequena volta as origens... Festa linda!!! Agora deixo de ser turimólogo e volto às origens... O jantar requintado como todo o evento (que confusão de turismólogo e gente... hahaha). A noiva sobriamente vestida e inebriantemente de uma simpatia a toda prova... como estavam felizes... bom ver o semelhante sorridente...

E as bebidas? Disso sou entendido... vinhos, cervejas, whiskies, coquetéis tudo, para todos os gostos. Mas falando em

vinho tenho algo importante a relatar... sou um enófilo e portanto, um apreciador. Espumante a noite toda, literalmente. A marca não posso dizer, por questões éticas, mas posso dizer que era de ótima qualidade... e, como me deleitei e como o serviço era bom, daqueles que encantam o cliente... fiquei deverasmente maravilhado com aquele casamento e, melhor ainda, feliz comigo mesmo por ter decidido ir aquele evento.

Alegria, requinte e felicidade foram os sentimentos vividos, sentidos e apreciados aquela noite. A presença da tia Anael, do tio Pedro Lima e a alegria de estar assistindo juntamente com a Ana e Pardaillan aquele momento de suas vidas. Eu com certeza não viverei esta felicidade, de ver um neto casando-se, mas vivi por eles aquele momento impar. O aconchego do meu cunhado Marco Antônio, da minha comadre Marcia, da minha afilhada Déborah e da minha sobrinha Lara, completaram, pela amizade, confiança e, sobretudo, pelas presenças constantes em nossas muitas viagens, que não são poucas, diga-se de passagem, graças a Deus é que eles são muito boas companhias para viajar...

Aos nubentes (antigo né? hahaha) minha torcida de felicidades, de coisas boas, de alegrias... e tenho certeza de que vocês terão uma lembrança viva, assim como tenho, de glamour, requinte e felicidades, isso é importante na vida, isso é viver e ser feliz.

Podem considerar este texto sentido como uma crônica (acho que é), mas não somos literatos, somos pessoas que sentem e eu mais ainda, externo o sentimento que ficou em mim daquela ocasião, divina, vivida, curtida e, sobretudo admirada. Conveniente lembrar que sou um curioso, estudioso e professor de Etiqueta, Cerimonial e Protocolo, de Enologia, de Turismo, de Direito (há são tantos os afazeres...) e melhor que tudo isso sou um apreciador da VIDA e a vida é feita por estes detalhes que mar-

cam, que vislumbram tempos melhores, que acredita no andar da humanidade e certamente Wally Neto e Mariana aprendendo pela simplicidade da Luiziana e pela firmeza do Wally aliou os dois ensinamentos e é e será um ser feliz, fazendo quem lhe cerca igualmente feliz. A vocês, neo-casados, felicidades sempre... (para terminar no lugar comum....hahaha). Lindo evento!!! Parabéns Wally Neto, Mariana, Wally, Luiziana, Ana, Pardaillan, tia Anael, tio Pedro Lima, Antônio Solon, Maria Sales...

Coco - Fortaleza(CE), madrugada do dia 29 de Agosto de 2014, quando deu vontade e inspiração... se é que tem... para externar o que senti e o que sinto...



MARIA DE LOURDES MOZART MARTINS MOURA

Cadeira nr. 35

OURO PRETO



Cidade antiga, encantadora
Não levo o teu ouro
Mas levo tudo o que vi
E tudo o que fiz
Fotografado na alma
E no coração
Tudo em perfeita harmonia
Como o som das nossas vozes
Como o verde das tuas montanhas
As obras do Aleijadinho
A senzala, tuas ladeiras, teus casarões.

Como é majestoso o nosso País
De norte a sul, de leste a oeste
Numa alquimia divina
A beleza se esparge
Nos enchendo de orgulho
Deste quase continente
Que se chama BRASIL.



Escrevi este poema no dia 23/5/14, sentada num degrau do Hotel Ouro Preto, inspirada nas montanhas e nos casarões ao meu redor.

INSEGURANÇA



Quão bela a minha cidade
E nela não posso andar
Fico triste, em desalento
Lembrando que em outro tempo
Me sentava na calçada
Nas calmas madrugadas
Sem ninguém me importunar.

Tudo hoje é diferente
Com medo me tranco em casa
Enquanto homens maus
Povoam as nossas ruas
Dispostos a nos atacar
A qualquer hora ou lugar
Triste realidade,
Não me acostumo
Sem ter pra quem apelar.



PAULO RONALTH PERES MELO

Cadeira nr. 36

O AMOR



O ouro é depurado num cadinho.

O amor refina-se em humildade.

Ah o amor!

O amor acalma

Qualquer indisposição.

Às vezes acaba em saudade,

Às vezes nunca acaba não.

Ah o amor!

Faz as palavras piscarem

Transcende toda emoção.

Atravessa o tempo,

Ultrapassa os limites,

Para depois o – não –

E o que é o não

Se não em carne e osso!

Ah o amor!

O amor transcende toda emoção.

Muitas vezes o – sim.

Muitas vezes o – não!



PREAMAR



Espuma branca dos meus desejos
Espalha-se ao chão da praia
Feito a névoa livre das montanhas,
E deixa os sentidos leves, cor de sal.
Tão leves,
Tão delicados,
Tão imponderáveis.
Espuma branca dos meus desejos
Espraia-se lenta desde a maré,
Vem de bem antes do tempo,
Vaga de milênios a rebentar.
Tão secreta,
Tão discreta,
Tão indefinível.
Mergulho nas lidas,
Nos dias contados pelas velhas artérias,
Num fim de tarde inacabável,
Como interminável é o mar.



VELA AO LUAR



Vejo ao longe o luar,
Refletido no rio.
No rio avisto uma vela,
Serena, que a passar
Lenta e linda,
Reproduz a beleza em meu olhar
O que isso em mim acende?
Sei não, mas em mim
Torna-se tudo estranho,
Acho que sonho sem ver
Que sonho tenho?
A agonia de mim se afasta!
O amor não se explica...
É uma vela que passa
Serena, lenta e linda
Pelo rio que fica.



MARIA LUÍSA MOURÃO (Malu Mourão)

Cadeira nr. 37

SUPREMA ENTREGA



Na sutileza mágica de nosso amor,
Rejubilo-me ora de contigo estar!
Canto da suprema entrega o louvor,
Quando no teu corpo posso esposar.

No meu olhar revérbero de paixão,
Ofusco os sentidos dos anseios.
E embalada ao som de meu coração,
Pulso a minha vida em devaneios.

Em ti eu busco a minha metade,
Sublimando este amor em fantasia,
Entrego-me assim com lealdade,

A este soberbo amar que contagia.
Em teus lábios, bebo a tua vontade,
O teu supremo néctar que extasia.



SOU ALEGORIA



Sou apenas uma alegoria
Pelas estradas dessa vida...
Sem tema, sem apologia,
Somente sigo a simetria
De uma ideia perdida,
Rasgada do coração,
Abortando a minha ilusão.



Malu Mourão, nome Literário de Maria Luisa Mourão, poetisa nascida em 01/11/1950, Ipu/CE. Graduação e Pós-Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú/Sobral/CE. Professora Aposentada, Poetisa, Divulgadora Cultural; Membro da ACADEMIA IPUENSE DE LETRAS CIÊNCIAS E ARTE, ocupando aa cadeira 37 - Patrono José Eusébio Néri de Sousa; Membro Correspondente, no Ceará, do INSTITUTO BRASILEIRO de CULTURAS INTERNACIONAIS – RD – INBRASCI/MG (Governadora - Poetisa Andréia Aparecida Silva Donadon Leal); Delegada pelo Ceará da ASSOCIAÇÃO ARTÍSTICA E LITERÁRIA ‘A PALAVRA do SÉCULO XXI’ – ALPAS XXI, de Cruz Alta/RS (Rozelia Scheifler Rasia); Colunista do PORTAL VDM, de Brasília/DF (Vânia Moreira Diniz); Jornal FRU-LUSO (Jornal Periódico Português de Fribourg) – (Jorge Vicente); Site Literário SO-ROCULT.COM - Sorocaba/SP (Neusa Padovani Martins); PORTAL CEN – “Cá Estamos Nós” - Portugal (Carlos Leite Ribeiro); Atualmente Membro de “Os Confrades da Poesia” - (Presidente Poeta Pinhal Dias – Amora- Portugal)

KLAUDIANA VIANA TORRES

Cadeira nr. 39

RAIKAIS



O gato preto quis comer a esperança verde,
e eu pálida a ajudei a fugir.
A única coisa que posso te oferecer,
é a mulher que engravidou no papel branco.
A porta velha, da casa velha, do colchão velho,
do rapaz velho, me fazem sentir-se assim.
Ela se apaixonou pelo cara do quarto,
ficava feliz, mudava, desbotando, desbotando, desbotando...



JOSÉ AIRTON PEREIRA SOARES

Cadeira nr. 40

O CONTO



Estudo. És tudo!

Airton Soares

Temas: DESESPERO, ESTUDANTE. MÚSICA

Final de curso. Beca, baco, zum-zum-zum, tarefas e as apreensões estudantis.

Cecília, concludente, teria que elaborar um conto. Massacre! Sempre escapou a esse tipo de tarefa. Dessa feita, infelizmente, descascaria sozinha o abacaxi. O tempo passando, e a aflição, a angústia desmesurada a dominavam. O que fazer? Abominava Letras. Excetuando as Letras do Câmbio. Nestas tirava de “letra”.

Saiu. Precisava desabafar com alguém. Encontrar um cúmplice. Castrar suas frustrações. Lembrou-se de Emerson, colega de faculdade que morava no 802, a três quadras da sua residência.

Emerson, amante da música, usava seu tempo vago, o que não era pouco, gravando música de Jennifer Lopez e Luan Santana.

Campainha toca.

- Emerson, Emerson estou desesperada! - Antes mesmo de ser solicitada a entrar.

- Fica muito mais bonita assim. - Zomba o amigo.
- Não estou pra chacotas, cara!. Disponho apenas de poucas horas para elaborar um conto, cadeira de Teoria, e não sei nem por onde começar. Pensei até em abandonar a faculdade, mesmo sendo concludente.
- Lamentável, minha cara Cecília. Você é um é nadinha abaixo de mim, em se tratando de escrita. Nunca escrevi. Nada, nada. Pra não dizer que minto, vezes perdidas rabisquei algumas linhas à família, que mora no interior, pedindo dinheiro. Tarefa que não exige muito talento, pode imaginar.

Mesmo assim sugere.

- Cecília, por que não contratar um testa de ferro? Mais prático!
- Já pensei, ocorre que, além de escrever o conto, preciso comentar alguma coisa ao vivo pra turma. Complemento de nota. Tem jeito não, Emerson. Tô frita!
- Calma, menina. A situação não é de todo vexatória. Ou é? Concludente de Letras. Carrega nos ombros um grande nome da poesia. Não saber escrever nada é de lascar.
- Não seja por isso – retrucou Cecília, em breve momento de descontração. Você carrega nos ombros um nome muito mais pesado do que o meu: filósofo e ensaísta inglês.
- Chii! Como tá sabida.
- Tive um namorado, Emerson, cujos pais eram metidos a intelectuais. Eis a razão da sapiência.

Depois de horas de queixumes, a conversa minguiu em razão de seu próprio excesso. Cecília despede-se sorumbática e ma-

cambúzia. 'Não fiz o conto, mas pelo menos desabafei', pensava enquanto dava partida no carro.

Emerson não era pessoa de se envolver com problemas dos outros. Levava tudo na brincadeira. Continuou na sua curtição musical.

Mas, de repente... de seu apartamento, com as mãos na boca em concha, grita para o infinito a sua alegria. Cecília, Cecília, o cooonnto! Enquanto a gente conversava o gravador ficou ligado. É só passar pro papel. Soooooobe!



O SUSTO



A cada manhã exijo, ao menos, a expectativa de uma surpresa, quer ela aconteça ou não. Expectativa por si só já é um entusiasmo. Quero que o fato de ter uma vida prática e sensata não me roube o direito ao desatino.

Martha Medeiros

Temas: DINHEIRO, FACULDADE, SURPRESA

Saiu mais cedo da faculdade. Cansado, preocupado com as obrigações que ainda tinha por fazer, caminhava a passos largos em direção ao estacionamento.

Deu partida no carro. De repente, sentiu a macieza cortante de um punhal em sua garganta.

- Passa toda a grana e nada de esperteza – disse um dos mascarados – nada temos a perder.

Sem nenhum puto no bolso, aproveitou-se do momento e se valeu da política: negociar! Isso. Não havia outra saída!

Muito melhor o carro que o dinheiro. Aceitaram. Ainda se atreveu a fazer algumas recomendações:

- Cuidado com o freio-de-mão! Olha a luz alta. Não funciona.

Livre da morte e dos mascarados, saiu liso com as mãos no bolso.

No dia seguinte, os mascarados tiveram a ousadia e a bondade de devolver seu carro em perfeito estado.

Confuso, perguntou:

Que é isso?

Os colegas da faculdade, tirando as máscaras, ensaiadamente, responderam:

Primeiro de abril!



"Escrever é fácil: você começa com uma
letra maiúscula e termina
com um ponto final.
No meio você coloca as ideias."

Pablo Neruda - Poeta chileno

Parral, 12/07/1904

Santiago, 23/09/1973

ACADÊMICOS CORRESPONDENTES

MARIA DE LOURDES ARAGÃO CATUNDA (Dalinha Catunda)
Acadêmica Correspondente nr. 43 - Rio de Janeiro/RJ

RAINHA DA RAPADURA



Não era nem cinco horas
O galo longe cantou.
O canto de outros galos
Se alternando me acordou
E um coro de passarinhos
Cantando o dia saudou.

Na rede me espreguicei
Senti o café cheirar
Juntei os pés levantei
Mas não sem antes rezar,
E agradei pelo dia,
Que começava a raiar.

Um alpendre, uma rede,
O amanhecer no sertão,
Um velho rádio tocando
Como dita a tradição
Não é apenas saudade
Que trago no coração.

Pois eu tenho meu ranchinho,
E por ele tenho paixão.
Rainha da rapadura
Me sinto naquele chão.
E quando a saudade aperta
Eu volto pro meu sertão.

Esse rancho minha gente,
Fica na minha Ipueiras.
Pras bandas do Ceará,
Com o Piauí tem fronteiras
A brisa da serra grande
Deixa as noites prazenteiras

Quando a lua sertaneja
Chega prateando a serra,
Totalmente embevecida
Dou vivas a minha terra,
Que encanta o meu olhar
Na beleza que se encerra.



ILDA MARIA COSTA BRASIL
Acadêmica Correspondente nr. 48 – Porto Alegre/RS

QUE HISTÓRIA EU TRANCARIA NUMA CAIXA?



Dentre muitas histórias, eu trancaria numa caixa, as inúmeras manhãs em que tirava, cedinho, minha netinha, com quatro aninhos, da cama; vestia-lhe; dava-lhe a mamadeira e, com ela ainda dormindo, às 6h, dirigia-me à parada do T5. Seu Godoy, motorista do ônibus, recebia-nos sempre sorrindo. Eu, com os braços carregados, neném e material escolar, procurava acomodar-nos. Na José de Alencar, pegávamos outro ônibus e a pequenina mantinha-se em sono profundo.

Na escola, subia cuidadosamente os degraus e a acomodava em duas cadeiras. Quando o sinal tocava, ela, sorridente, abria os olhinhos e, toda dócil, dizia:

– Vovó, eu te amo!



Ilda Maria Costa Brasil - Em fevereiro de 2014, recebeu o “Prêmio Destaque Rio-1013”, da Sociedade de Cultura Latina do Estado do Rio de Janeiro; e, em março de 2014, em Paris, “Médaille d’Or”, da Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture. Na ocasião, ministrou Palestra sobre Literatura Sul-Rio-Grandense, no “Atrium Lincoln Associate”, na Champs Elysées; e participou dos Lançamentos das Antologias “L’Essence de La Poésie!” (Português-Francês, 2ª Ed.) e “Brésil en Scène” (Francês), no Salon du Livre de Paris. Em abril de 2014, recebeu o “Troféu Cecília Meireles Especial”, Itabira/MG.

WILSON DE OLIVEIRA JASA
Acadêmico Correspondente nr. 58 – São Paulo/SP

BEIJO



Se queres que te beije, beijo agora,
um beijo apaixonado e com fervor;
que importa se está quente ou frio lá fora,
pra mim mais importante é nosso amor.

A chama que no peito agora aflora,
é chama com carinho inspirador;
o beijo pra ser dado não tem hora,
e beijo muito mais que o beija-flor.

Beijo teu coração pelos teus lábios,
são beijos com magia, beijos sábios,
e vou beijar-te sempre por te amar.

O beijo que te dou também te acalma,
e em devaneio até beijo tua alma,
pois vivo com amor sempre a beijar...



COM UM BEIJO



Com um beijo gostoso e bem beijado,
fui parar lá nas nuvens e sonhei;
foi um beijo tão bom e apaixonado,
desse beijo jamais esquecerei.

Sempre assim vou vivendo enamorado,
revivendo o bom beijo que lhe dei;
pois agora esse beijo iluminado,
é um beijo que sempre lembrarei.

Com um beijo vivi meu sonho lindo,
esse beijo será sempre bem vindo,
na lembrança do amor no coração.

Esse beijo beijado com carinho,
é tal beijo que abriu sutil caminho,
desse amor, nosso amor, amor-paixão.



Wilson de Oliveira Jasa, nasceu em São Paulo - SP - Brasil. Poeta e Jornalista. Presidente da Casa do Poeta “Lampião de Gás” de São Paulo e do Movimento Poético em São Paulo. Ex-Presidente da Sociedade Mundial dos Poetas (Fundador). Príncipe dos Poetas Paulistanos. Príncipe dos Sonetistas do Brasil. Membro Correspondente da Academia Ipuense de Letras, Ciências e Artes. (wilsonjasa@gmail.com)

JOSÉ LUIZ ZANZINI (Zézinho)
Acadêmico Correspondente nr. 61 – São Paulo/SP

PERIGO CRESCENTE COM O AUMENTO DOS RESÍDUOS SÓLIDOS E ORGÂNICOS



Quando cheguei do supermercado, tirando a compra do meu carro, comecei a notar nos produtos, as facilidades que vem sendo incluídas em nosso dia-a-dia. Vou citar algumas para nossa reflexão, como a massa de tomate, em um recipiente de longa vida, esta temperada e pronta. O alho moído ou picado vem com sal (Problema sério para quem tem pressão alta), em um pote plástico, que pode ser adquirido em vários tamanhos, o feijão, arroz, massas já vêm cozidos e muitos já estão temperados, só temos que aquecer e consumir.

Têm sucos prontos, leites e outros produtos alimentar em frascos plásticos ou caixas longa vida, garrafas “pet” de vários tamanhos, com todo tipo de refrigerantes e bebidas gaseificadas, como poupas de fruta em plástico leitoso. Peixes diversos em conservas de frascos em plásticos, lata, alumínio etc. São milhares de produtos consumidos diariamente, que entram nos lares, aumentando a estatística, onde os resíduos orgânicos são responsáveis por mais de 50% do lixo doméstico. Vale lembrar que isso é independente da classe social visto os produtos prontos, também atingirem as populações de baixa renda.

Nota-se também, que os alimentos vêm tendo suas porções e volumes reduzidos, facilitando o dia-a-dia das famílias e das pessoas. Todo esse consumo gera no final o lixo orgânico descartado no saco de resíduos para os coletores da Prefeitura recolher

e encaminharem os mesmos aos aterros, quando não são jogados em terrenos baldios, córregos, rios, esgotos etc. Faça uma observação de conhecimento de muitos gestores públicos. Na cidade de São Paulo, são descartadas três toneladas diárias de alimentos orgânicos que vão para aterros sanitários. O motivo dessa calamidade social provém do cuidado dos geradores desses resíduos, em se protegerem, visando que os alimentos não sejam consumidos indevidamente por pessoas carentes.

Se fosse permitida a doação, e um dos receptores que consumiu esse alimento, tiver uma infecção, provavelmente moverá uma ação contra o fornecedor ou doador, responsabilizando-o criminalmente pela atitude de ter doado o alimento, além de ter que pagar uma indenização ao prejudicado pelo alimento fornecido. Por esses e outros motivos, os empresários da área de alimentação na cidade de São Paulo e provavelmente de outras grandes e médias cidades, preferem ensacar os alimentos excelentes para o consumo humano e mandar para os aterros.

Lembro que já temos ONGs em São Paulo que estão recolhendo a sobra desses alimentos, diretamente nas fontes, são levados a cozinhas especiais, feito um controle de qualidade e depois desidratados, transformando os mesmos em pó ou bolachas. Depois é feita a distribuição as comunidades carentes, sendo apenas necessário colocar água quente e saborear uma deliciosa sopa sem nenhuma preocupação de estar contaminada. Na história da geração de Resíduos Sólidos e Orgânicos, neste sistema produtivo e capitalista que se iniciou com a Revolução Industrial, tendo sua expansão no Séc. XVIII, na Inglaterra, sem que uma análise dos problemas futuros fossem efetuados.

Esse movimento sem retorno gerou uma onda no consumo de bens que se espalhou pelo planeta. Um crescimento humano e de produção exponencial que deu início a geração de vários tipos de resíduos, entre eles, os orgânicos. Conceitos de produtividade

até então existentes, se tornaram obsoletos, e o que antes era feito com as mãos e diversas ferramentas em um tempo expansivo, começa a ser feito por máquinas e com linhas de produção mais ágeis e volume maior de produtos, saindo direto para o mercado, com vida útil dos produtos, melhor que os produtos anteriores produzidos manualmente. Naturalmente a lei da concorrência, fez que os recursos fossem melhor explorados, até porque, com a tecnologia evoluindo e as pesquisas, notaram que o meio ambiente não poderia ficar distante da produção.

Mesmo ciente, as matérias primas fornecidas pela natureza, continuaram a ser exploradas descontroladamente, visto as necessidades impostas pela sociedade consumista que cresce e suas relações complexas entre produto e produtor, nas áreas de construção de moradias, veículos, roupas, saúde, consumo alimentar, limpeza e outros serviços. Buscas essas, geradas pelo sedentarismo do chamado homem moderno, dentro da evolução da civilização urbana e social. Portando, podemos dizer: que os resíduos orgânicos passou a ser uma novidade visto o aparecimento de resíduos que nunca haviam sido gerados antes, além daqueles que todo ser humano já conhecia.

Surge então a idéia do “NÃO SERVIR MAIS...”, e o que não serve, acaba se transformando em resíduos sólidos ou orgânicos. Quando nos colocamos a analisar a frase, voltamos ao processo biológico em que o lixo não existe em meios naturais, levando-se em conta que os resíduos orgânicos e até os sólidos, servem como alimento a outros seres vivos e quando isso não acontece, o circulo da retroalimentação muda os padrões da eliminação no planeta. Vamos citar as fezes e a urina, eliminadas pelos seres humanos e animais, os restos orgânicos, normalmente reciclados pelos decompositores na substancia mineral que é excretada, substrato do mundo vegetal, e favorece em resíduos da fotossíntese aos organismos aeróbicos.

Esses resíduos sólidos ou orgânicos, mais conhecido como “Lixo”, que não serve ao uso, depois que foi totalmente reciclado, deve ser descartado de maneira adequada. Entra em ação a coleta seletiva, é a primeira etapa na reciclagem de resíduos sólidos ou orgânicos, mas, não havendo a conscientização social para o problema, o processo não caminha. Portanto, devemos nos familiarizar com a política ambiental conhecida como “3 Rs”, (Reduzir, reutilizar e reciclar), instituída no Congresso da Cúpula da Terra na Eco-92 no Rio de Janeiro em 1992, da qual participei e fui certificado.

Um ano depois, em 1993 a mesma foi reeditada no 5º Programa Europeu para o Ambiente e Desenvolvimento. Desde então a política para o meio ambiente dos “3 Rs” vem sendo adotada, com o objetivo de reduzir os impactos que são causados pelo consumo exagerado e irresponsável, gerando resíduos sólidos e orgânicos no meio ambiente, ocasionando processo de desequilíbrio no planeta, onde os espaços para o descarte do lixo (resíduos sólidos e orgânicos) já não existem e aqueles em funcionamento estão se esgotando. Conscientização e atitudes, é a mensagem nesta matéria, para evitarmos os perigos crescentes não apenas nos resíduos sólidos, mas principalmente nos resíduos orgânicos. Até já sempre.



Assessor e Coordenador de Políticas Públicas na SVMA na Prefeitura Municipal de São Paulo.

Professor, Filósofo, Pós Graduado em Sociologia e Gestão Ambiental, Jornalista, Gestor de Serviços Públicos, Membro da (CPA) - Comissão Permanente de Acessibilidade de São Paulo. Membro do Conselho Municipal da Pessoa com Deficiência da Cidade de São Paulo. 40 anos na Causa da PcD (04/1974) – Inclusão e Acessibilidade na Cidade de São Paulo. 25 anos na Causa da Sustentabilidade com Responsabilidade Social. (05/1989). Escritor, Poeta. Membro da (ONE)- Ordem Nacional dos Escritores, (API) – Associação Paulista de Imprensa do Estado de São Paulo. Acadêmico Correspondente da Academia Ipuense de Letras Ciências e Artes do Ceará. Membro da APP – Associação Portuguesa de Poeta – Brasil/ Portugal. Colunista da Revista Sentidos.

"Amar a leitura é trocar
horas de fastio por horas
de inefável e deliciosa
companhia."

John Fitzgerald Kennedy
35º Presidente dos Estados Unidos
Brookline, 29/05/1917
Dallas, 22/11/1963

ESCRITORES CONVIDADOS

ANA MARIA MARQUES MARTINS (Aninha Martins)

Ipu/Ceará

MADRUGADA



No meio da madrugada
Ouço o vento
Soprando a cortina rosada
Num movimento lento

Abro a janela
Vejo a rua calma, iluminada
Como uma aquarela
Está a lua manchada

Alegra minha alma
Ao saber que a minha lua
Também é a tua

Imagino teu pensamento
Que é meu
Neste mesmo momento.



TACO DE PELE



Minúsculo pedaço
Superfície, apenas
Se une
Misturando temperaturas
Junta provocando reações
Corrente elétrica tremor
Deturbando pensamentos
Transforma
Causando impacto
Furor
Erupção de emoções
Química
Apego de almas
Corações velozes
Atração...



Poeta por inspiração, sente e vive fatos e sentimento além do que lhe é transmitido naturalmente. Exala emoções através das palavras que se unem para confessar pensamentos e sensações. Emite reações extremas diante de atos considerados supérfluos.

ITANIRA SOARES

Ipu/Ceará

IPU



Amo essa terra assim de verdade
Braços abertos em liberdade
Peito livre um grito feliz
Povo contente é assim que se diz.
Deixa a lua te vestir de luz e realeza
Abre a cortina, o luar vai entrar...
Despe teu chão mostra tua beleza
Levanta o véu,
Adentra esse céu.
Endeuso esse lugar
Porque esse lugar é bem meu.
Terra da minha alma
Seara da minha trama
Que se desmancha em chama
De um amor de raiz
Gerada, nascida, criada,
No ventre da terra
Berço de pedra amada
Cascata de nuvem molhada
Pintada de guache branco na serra
Com pincel divino
Presente da natureza
Que também me pinta
Envaidece-me
Me deixa besta de tanta beleza.



SINAIS ACESOS



Vou me agasalhar nas folhas do meu jardim
Gargalhar com os pássaros soltos ao vento
Prender-me nos fios de cabelos do milharal que cresce
Girar como os girassóis no comando do sol
Até quando todos os sinais se acenderem em mim.
O sol desenrolou-me das folhas, era um sinal.
O vento me contou uma piada,
E os pássaros todos sorriram comigo, era um sinal.
A boneca do milho, de cabelos loiros e fartos,
Sem salão de beleza se enfeitou, era um sinal.
Girou o sol no girador dos meus sonhos
E em bando girassóis amarelos se fizeram sinais.

Sinal aceso agasalho do amor!
Sinal aceso gargalhadas de prazer!
Sinal aceso enfeites de vida!
Sinal amarelo, sinal vivo,
Sinal aceso
De uma vida bem vivida.



JOSÉ MARIA BONFIM

Crateús- Ceará

SAUDOSO RETORNO

(Em memória de Régis Jucá)



Piso no mesmo solo molhado de saudade
O mesmo chão que é do tempo voracidade
Que agasalhou num agosto tão distante
Amigos, médicos, cardiologistas interessantes.
Oh! Nise, escuta este meu rouco lamento,
Se tu tens pena da dor que nos lacerava
Nossa alma vive afogada em sofrimento
Pois a dor nos move, caminha e não espera.
Este sofrer, amargor que faz a noite escura
Quando alegria se escondeu nesta orfandade
As lágrimas secam na face pálida e muda,
Vida, aonde o Régis se escondeu, por piedade
Vivemos no frio assombroso, desta inútil procura,
Por certo ele é hoje Álamo umbroso na eternidade.

Belo Horizonte, julho de 2013



EPIFANIA



Falai oh! Trova, balbuciai louvores
Âmbulas plenas de cintilante brilho
Anjos em coro caminhando em flores
Perfumes, alegrias, em santos trilhos.
Orações, salmos, cantochão e litania,
Já é Natal diz a vésper do oriente
É tempo de amar Jesus em Epifania
Flamas de fé no coração do crente.
E os anjos em perfeita sintonia
Cantam ao menino Deus inocente
O dom celeste da divina “laetitia”
E a nova vida na alma reluzente
Genuflexos, prostrados, a estrela guia,
Na manjedoura, Jesus, Deus presente.

Fortaleza, Natal de 2013



MÃOS SAGRADAS

Ao Dr. Régis Jucá (in memoriam)



Mãos que as dalias invejam, mãos eleitas
Para aliviar cerzir e sarar feridas
Mãos divinas, sagradas, mãos perfeitas
Para ser luz, miraculosa e bendita
Mãos santíssimas, sonhos e ilusões afeitas,
A soerguer o moribundo em plena agonia,
Mãos santificadas por Deus, pura harmonia,
Na ara da cirurgia ou na solidão do leito.
Mãos a bordar paz, sementeiras de esperanças,
Mãos firmes, cinzel de tanta serenidade,
Mãos quando aos acordes do tempo são lembranças,
Mãos que hoje adormecem na eternidade,
Mãos, que partiram aos céus, e ninguém alcança,
Salvaram a tantos, mas hoje são saudades.

Fortaleza, julho de 2014



AMOR É APRISCO



Amor é aprisco
O amor é canto piedoso
É pulcro é ser desconhecido
É ingrato, é triste doloroso
É dor sangrenta e imerecida
Amor é vésper cintilante
É raio manso a alma abrasa

É Deus, esta sarça incessante
Quando ofendido, nos abraça
O amor é a ovelha desgarrada
Ao aprisco volta compungida
Naidés, faz o rio sagrado
Profecia as margens já perdidas
E dos campos brotam aniquiladas
O rebanho que volta ao seu aprisco.



A MORTE DOS JANGADEIROS



A morte dos jangadeiros
O vento empurrou a noite em direção do mar
As escadas do céu ficaram vazias
E as canaletas abertas despejaram silêncios
Nos degraus do infinito
O mar oco zune e aflito grito de dor
O lago afaga a morte
A sepultura se desenha no coração do mar
E os jangadeiros não encontram o mar
Mas se sentaram placidamente nas escadas dos céus
Esperavam o último sopro de Deus.

Fortaleza, verão de 2012



O autor é membro da Academia Americana de Cardiologia.

MARIA APARECIDA DE MELO LIMA E SOUSA (Cida)

Ipu – Ceara

HÁ QUEM DIGA



Há quem diga
Que estou cansada
Que perdi a fala
Que eu sou feliz
Há quem diga
Que você caiu
E que se feriu
Ficou a cicatriz
Há quem diga
Que existe saci
E Papai Noel dá presente ali
Há quem diga
Que ganhou no jogo
Que repartiu o bolo
Que se saciou
Há quem diga
Que não envelhece
Que o fogo aquece
E que anoitece
Que você sonhou
Há quem diga
Que a flor nasceu
Que também morreu
Com o meu amor.



MARIA IRACÊ DE PAIVA DANTAS BANDEIRA (Tezinha)

Ipu, Ceará

QUERIDA, AMADA E BONDOSA MÃE MERI;



Hoje o sol tem mais brilho, os passarinhos cantam docemente e a folhagem da majestosa palmeira balança suave aos ventos do mês de maio!

O motivo é muito importante: “Mãe Meri completa cem (100) anos de vida ”

Caso alguém lhe pergunte: - Qual a receita para o seu centenário?

Ela não saberá responder, porque “Papai do Céu” é quem sabe. É um grande mistério!

Filha de tia Eugênia e sobrinha de João Camelo (meu saudoso pai, muito me honra este próximo parentesco)

Privilegiada por Deus, recebe agora o carinho de nossa numerosa família.

Em Ipu, minha querida terra natal, há quase 60 anos, caída do céu chega Sylvinha, em suas mãos carinhosas e macias. Enquanto o Gigante em Medicina: Dr. Tomáz de Araújo Correia, cuidava de mim, executando uma pequena cirurgia, mãe Meri se dedicava a Sylvinha – afetosamente.

Era o dia 31 de maio. Dia da Coração de Nossa Senhora. Fogos explodiam!

Ritinha e Sylvinha- filhas de Mãe Meri têm o coração transbordando de satisfação, onde o sangue da Mãe jorra abundantemente.

Parabéns Mãe Meri, minha prima e amiga! E para finalizar ofereço –lhe este acróstico:

Mãos cheirando a rosa
Embelezam tua estatura
Recebe beijos oh! Formosa!
Imortal gratidão, és doçura!



Sou a:
Tezinha (Iracé)
(Homenagem ofertada durante a festa de celebração do centenário dela em 2014)

ACRÓSTICO

(Para Gilberto)



Gostei, gosto, gostarei
Isto é verdade certa
Lá se vão anos, já provei
Basta ver a vida aberta
É exato sempre te amei
Reside em mim, vivo em alerta
Tu és lírio, te amo jurei
O teu viver é minha festa!
(Original escrito em 1985)



ABENÇOA-ME SÃO SEBASTIÃO



(Recordo a missa e a novena)
Guerras se afastem de nós
Lâmpadas acesas, clara a matriz
O som da banda é algoz
Ressoa o sino, badalo feliz
Imito a criança, choro, rio, não a sós
O povo reza, na roupa o matiz
São várias idades, aos rostos têm pós
Oh! Meus Deus, te amo, eu sou atriz
Sensato guerreiro, tem fé, é verdade
A flecha recebe, porém não se abala
O exemplo é bom, pureza, bondade
Sincera, contrita ouço notas na escala
Escuto o hino, Sebastião, piedade!
Beatas, senhoras formando alas
A hóstia consagrada afasta a maldade
Sinto fé, sinto emoção, minh'alma fala
Tenho em mente o passado, terna saudade
Inquieta, chorosa, a boca se cala
Ao me lembrar de amores, em outras cidades
O Rio, Fortaleza à tona, sai dor malvada, para!



(Publicado em 2009 no Talentos da Maturidade/ Banco Santander)

ACRÓSTICO
(Para Índia Iracema)



Imagem linda de mulher
Na mata vivia a corajosa
Ditoso jaguaribano de fé
Inclinado à índia rosa
Avisto Ipu, da serra ao sopé

Íntegro, forte Martim, juras a sós
Registra ilustre Alencar
À noite, ao dia, mais sois
Como é belo e salutar
Envoltos tal peixe em anzóis
Muita paixão, canta o sabiá
Alegria, candor vemos nós

Ao fim chegou a lenda
Lágrimas, se foi Tabajara
É triste morrer, entenda
No amor, de amor, amara
Calor, nobre José, nesta fenda
Ao mundo lição rara
Rasgo meu passado, oferenda
Inefável, ele e eu, lembrara
Na saudade a nossa tenda
Ao rezar, Deus o levará.

(Original escrito em 2003)



MARIA SILONIDE DE MESQUITA (Silon Mesquita)

Ipú - Ceará

O PREÇO DO REJUVENESCIMENTO



Certo dia uma senhora vaidosa, sábia e gentil sentiu-se melancólica ao se olhar no espelho, pois buscou ver beleza, mas, no entanto viu rugas e o branquear dos cabelos. Para aprofundar mais sua angústia era o dia do seu aniversário. Ao invés de sentir-se feliz e festiva, sentiu-se envelhecida. O dia foi passando e a noite chegou trazendo consigo os familiares da senhora para lhe abraçarem e lhe desejarem um feliz aniversário. Na ocasião, sentiu-se rodeada de carinho e atenção por parte de seus mais queridos e chegados. Em determinado momento entra alguém com um bolo confeitado, com velinhas acesas e começam a cantar parabéns. Ao término, pediram para que ela apagasse as velas e fizesse um pedido. Aquela vaidosa senhora encarou profundamente as chamas das velas, e no mais íntimo do seu âmago desejou a juventude de volta, pois não aceitava nenhum efeito do tempo em sua vida. Então ela apagou as velas e seu assopro misturou-se à suave brisa vinda do jardim, que trazia o aroma de várias flores. Encantada com aquela fragrância ela parou no tempo, porém, vendo-se ainda no mesmo recinto, percebeu que algo de estranho começara a acontecer. Assustada caminhou pela sala e parou de frente ao espelho e ao olhar-se ficou ainda mais surpresa, pois notou que estava rejuvenescendo, acariciava com as próprias mãos o rosto e não sentia mais as rugas, seus cabelos tornara-se escuros como na juventude, tudo parecia maravilhoso,

como num lindo sonho. Mas na medida em que rejuvenesciam, algumas daquelas pessoas que tanto ela amava desapareciam. Depois fixou mais ainda o seu olhar no espelho e viu desaparecer uma ruga que a incomodava muito, mas com o desaparecimento daquela ruga, desaparecia também sua netinha adorável. E assim foi acontecendo com outras rugas e outros entes queridos. Enfim, a juventude voltava ao rosto e suas conquistas e sua família desapareciam no desconhecido. Desesperada começou a chorar, no entanto não conseguia tirar os olhos do espelho e ver seu desejo sendo realizado. Era como se décadas tivessem se transformado em segundos e retrocedessem no eixo estrutural do próprio tempo. Não acreditando no que via, a vaidosa senhora decidiu fechar os olhos como não aceitando perder tudo de mais precioso que havia conquistado ao longo dos anos. Sentiu-se profundamente arrependida do seu desejo e deu um forte suspiro e disse:- Quero aqui pedir perdão à natureza por não aceitar os efeitos do tempo em meu corpo, pois agora sei que o transformar da vida substitui o gostar de uma imagem por outras bem mais lindas. O amor que sentimos por nós mesmos não é nada comparado ao amor sincero que recebemos da vida, por fazê-la germinar dentro de nós e também perpetuá-la. Pausadamente, ela foi abrindo os olhos e caminhando de volta para a mesa do bolo e antes que alguém a abordasse ela disse aos seus familiares:

- Eu amo todos vocês! Serei eternamente jovem em vocês e saibam: o amor é infinitamente superior ao tempo! Todos a aplaudiram, e aquela netinha adorável que ela vira sumindo, veio abraçá-la e perguntou: - Vovó o que a senhora desejou? Sorridente, a gentil e vaidosa senhora respondeu com um forte abraço.



MARIA TELMA MELO LIMA

Ipu/Ceará.

QUEM EU SOU



Chega a noite, atravessa o dia,
Metamorfose de alma, viro à revelia.
À noite sou uma mulher do passado
De dia dona de casa e sem nostalgia.
Será que fui eu quem matou os meus sonhos?
Ou foram os outros que os levaram de mim?
O certo é que partiu não mais a encontro
Do meu coração arrebataram enfim.
Canto o meu canto sozinha pelos cantos
Sou a andorinha deslocada do seu ninho
Entoadada pelas canções fico em prantos
Vivenciando o que já foi e não tem volta pra mim.
Às vezes recuso viver só das lembranças
Pelo espelho reflete outra mulher
Cheirosa, vaidosa com perseverança
Parto pra vida numa noite qualquer
Sento na mesa, toda animada
Amigas ao lado soltando risadas
Converso e sorrio fico embalada
Pela música ao vivo estou desvairada
Os cabelos desarrumados é hora da partida
Quero dançar e cantar é só a despedida
De mais uma noite que eu fiz de conta
Ser a mulher mais feliz desta vida.



PAULO ROGÉRIO AIRES MARTINS

Ipu/Ceará

CHORO DA SERRA



Serra azul
Às vezes verdejante,
Que acomoda em seu berço
Uma cascata
Linda esvoaçante
Que banhava a deusa alencarina
Cabelos longos
Lábios doce de uruçú,
Que andava nua
Nas matas do Ipu.
Serra azul
Às vezes verdejante,
Que suplica abraçar eternamente
A cidade e as águas limpas do riacho
A alegria das belas lavadeiras
Que entoam as cantigas
Em suas ladeiras.
Serra azul
Às vezes verdejante,
Que recorda nas antigas fotografias
Manhãs frias
Brisa mansa afagando a serração,
Mostra agora seu choro e agonia
Querendo viver linda outro dia.



IBIAPABA



Na Ibiapaba
Saguís
Tantos bem-te-vis
Doce de buriti
Flamboaiás a florir.
Olho chorando na serra
É um olho d'água
Não há mágoa nas pedras
Tão sérias paradas
Há encanto na mata
A subir para céu
E não se acaba aqui
Esse santuário
De bicho e de planta
Onde um índio canta
Uma rã se espanta
Na lá de lodo e seda.
Há uma lesma tão santa
No canto da serra
Esquecendo do tempo
E tentando salvar o planeta.



LEMBRANÇA (O Velho Tamarineiro)



Crianças brincavam
O dia inteiro
Embaixo do tamarineiro
Em cima do tamarineiro
Havia um ninho de passarinho
E a menina com muito carinho ria
Embaixo do tamarineiro
Não era domingo
Nem feriado
Uma moça esperava
O seu namorado
Mulheres penteavam
Os seus cabelos molhados
Uma chuva passava
Levando o mormaço
Não era um sonho
Era um alegre passado
Suave lembrança
Do tamarineiro.
Crianças brincavam
O dia inteiro
Embaixo do tamarineiro
Em cima do tamarineiro

Havia um ninho de passarinho
E a menina com muito carinho ria
Embaixo do tamarineiro
Embaixo do tamarineiro



ÁGUAS DO IPU



Lâmina d'água pingente
Que alisa
As pedras do Ipu
Derrama um pedaço do céu
Sobre a terra
Lava minha dor
Leva esta canção pra Iracema
Diz pra ela
Que apesar do progresso
Violões choram em versos nas ruas
As saudades do Gangão
Do Bar Cruzeiro
Dos namoros matutos
Na festa de janeiro
Águas do Ipu
Me fazem flutuar
De amor ao luar
No teu leito azul.



LUA MOEDA



Lua você é moeda
Que não cabe em meu bolso
Um dinheirinho brilhante
Pra comprar pipoca
Perdido no céu
Tão distante
Como é que você conseguiu
Um cavalinho gigante
Um são Jorge engraçado
Que brinca de espada
Que enfeza um dragão
E beija as estrelas
Em todo verão
Lua você é moeda
Que não cabe em meu bolso
Um dinheirinho brilhante
Pra comprar pipoca
Perdido no céu
Tão distante
Não se esconda nas nuvens
Que eu ainda vejo o seu olho
Vê se me manda um sorvete
E um chocolate de estrelas.



A CASA DA ESQUINA



Janelas abertas
Na casa da esquina,
Brisa descendo lá da serra.
Ali a gente conversava
Sorria e até cantava.
Papai solava valsas
No antigo violão.
Vizinhos que passavam,
Sentavam na calçada,
Contavam suas histórias
E gostavam das canções.
A noite era pequena
Pra tanta felicidade.
A saudade hoje é semente
Que renasce em minha mente
A visão de paz
De amor e alegria
Sem qualquer fantasia
Numa suave harmonia.



*“Todos os dias deveríamos ler um
bom poema, ouvir uma linda canção,
contemplar um belo quadro e dizer
algumas palavras bonitas.”*

Goethe



EXPRESSÃO
GRÁFICA
E EDITORA

Rua João Cordeiro, 1285
(85) 3464.2222 • Fortaleza-CE
www.expressaografica.com.br

FILIADA À CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO

